

ALEX GINO

# GEORGE



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



ALEX GINO

**GEORGE**

Tradução  
Regiane Winarski

1ª edição

GALERA  
— **junior** —  
RIO DE JANEIRO  
2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Gino, Alex

G413g George [recurso eletrônico] / Alex Gino; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Junior, 2016.  
recurso digital

Tradução de: George

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-10861-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americano. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título.

16-36992

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original:

*George*

Copyright © 2015 by Alex Gino

Publicado mediante acordo com Scholastic Inc., 557 Broadway, Nova York, NY 10012, EUA.

Negociado por intermédio da Ute Körner Literary Agent, S.L.U. – Barcelona – [www.uklitag.com](http://www.uklitag.com)

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN: 978-85-01-10861-6

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002.



**PARA VOCÊ, PELOS MOMENTOS EM  
QUE VOCÊ SE SENTIU DIFERENTE**

# Sumário

**capítulo I** | SEGREDOS

**capítulo II** | CHARLOTTE MORRE

**capítulo III** | É TUDO FINGIMENTO

**capítulo IV** | EXPECTATIVA

**capítulo V** | TESTES

**capítulo VI** | ENCONTRADAS

**capítulo VII** | O TEMPO SE ARRASTA QUANDO VOCÊ ESTÁ INFELIZ

**capítulo VIII** | IMBECIL

**capítulo IX** | JANTAR NO ARNIE

**capítulo X** | TRANSFORMAÇÕES

**capítulo XI** | CONVITES

## **capítulo XII | MELISSA VAI AO ZOOLÓGICO**

### **agradecimentos**

## capítulo I

# SEGREDOS

George tirou a chave prateada do bolso menor de sua grande mochila vermelha. Mamãe havia costurado a chave de casa dentro da mochila para que ela não se perdesse, mas a linha não era longa o suficiente para chegar ao buraco da fechadura se a mochila estivesse no chão. Então George tinha que ficar equilibrada de mau jeito, em um pé e com a mochila apoiada no outro joelho. Ela mexeu a chave até encaixá-la no lugar.

Entrou cambaleando e falou:

— Olá!

Não havia nenhuma luz acesa. Mesmo assim, George precisava ter certeza de que a casa estava vazia. A porta do quarto de mamãe estava aberta e o lençol estava esticado. Também não havia ninguém no quarto de Scott. Segura de estar sozinha, George entrou no terceiro quarto, abriu a porta do armário e olhou a pilha de bichos de pelúcia e brinquedos diversos lá dentro. Estavam arrumados no lugar deles.

Mamãe reclamava que George não brincava com os brinquedos havia anos, dizendo que deviam ser doados para famílias necessitadas. Mas

George sabia que eles eram necessários ali, para proteger sua coleção mais preciosa e secreta. Remexendo embaixo dos ursos de pelúcia e coelhos fofinhos, George encontrou uma bolsa achatada de brim. Assim que estava com a bolsa na mão, ela correu para o banheiro, fechou a porta e girou a tranca. Segurando-a bem apertada nos braços, George deslizou até o chão.

Ao abrir a bolsa na lateral, as páginas sedosas e escorregadias de uma dezena de revistas se espalharam pelo chão do banheiro. Capas com promessas de COMO TER A PELE PERFEITA, DOZE CORTES DE CABELO MODERNOS PARA O VERÃO, COMO DIZER PARA UM GAROTO QUE VOCÊ GOSTA DELE e GUARDA-ROUPAS OUSADO PARA O INVERNO. George era só alguns anos mais nova do que as garotas que sorriam para ela naquelas páginas brilhosas. Para ela, aquelas meninas eram suas amigas.

George pegou uma edição de abril que já tinha visto incontáveis vezes. Folheou pelas páginas com um *flip-flip-flip* seco que fez o papel soltar um leve aroma.

Ela parou em uma foto de quatro garotas na praia. Elas estavam em fila, vestidas com roupas de banho, cada uma fazendo uma pose. Um guia na lateral direita da página recomendava os vários estilos baseados no tipo de corpo. Aos olhos de George, todos os corpos pareciam iguais. Eram corpos de garotas.

Na página seguinte, duas meninas estavam sentadas em uma toalha, rindo, com os braços nos ombros uma da outra. Uma estava usando um biquíni listrado; a outra, um maiô de bolinhas, cavado nos quadris.

Se George estivesse lá, ela se encaixaria na cena, rindo e juntando os braços com os delas. Usaria um biquíni rosa-choque e teria cabelo comprido, no qual as novas amigas adorariam fazer tranças. Elas perguntariam o nome dela, e ela diria: *meu nome é Melissa*. Melissa era como ela se chamava no espelho, quando ninguém estava olhando e ela

podia pentear o cabelo castanho liso para a frente, como se tivesse uma franja.

George folheou mais um pouco pelas propagandas coloridas de organizadores de mochila, esmaltes, celulares modernos e até absorventes internos. Pulou uma matéria sobre como fazer as próprias pulseiras e outra com conselhos para falar com garotos.

A coleção de revistas de George começou por acidente. Dois verões antes, ela reparou em um exemplar antigo da *Girl's Life* na caixa de reciclagem da biblioteca. A palavra “garota” chamou sua atenção na mesma hora, e ela colocou a revista dentro do casaco para poder olhar depois. Logo depois, achou outra revista para garotas, essa resgatada de uma lata de lixo a um quarteirão de casa. No fim de semana seguinte, ela encontrou a bolsa de brim em um bazar de garagem por 25 centavos. Era do tamanho certinho de uma revista e ainda tinha um zíper. Parecia que o universo queria que ela conseguisse guardar a coleção em segurança.

George escolheu um artigo de duas páginas sobre COMO CONTORNAR SEU ROSTO COM MAQUIAGEM. Ela nunca usou maquiagem, mas ficou observando a variedade de cores no lado esquerdo da página. Seu coração estava disparado no peito. Ela se perguntou como seria a sensação de passar batom. George amava passar protetor labial. Ela usava durante o inverno todo, independentemente de os lábios estarem ressecados ou não e, quando chegava a primavera, escondia o tubinho da mãe e usava até acabar.

George deu um pulo quando ouviu um estalo do lado de fora. Olhou pela janela, para a porta da frente diretamente abaixo. Não havia ninguém por perto, mas a bicicleta de Scott estava caída no caminho de entrada, com a roda de trás ainda girando.

A bicicleta de Scott! Isso significava que Scott havia chegado! Scott era o irmão mais velho de George, aluno do primeiro ano do ensino médio. Os pelos da nuca de George se eriçaram. Em pouco tempo, passos pesados

subiram a escada até o segundo andar e a porta trancada do banheiro foi sacudida. Era como se Scott estivesse sacudindo o coração de George dentro da caixa torácica.

*Bangue! Bangue! Bangue!*

— Você está aí, George?

— E-estou.

As revistas brilhantes estavam espalhadas no piso frio. Ela as reuniu em uma pilha e enfiou tudo na bolsa jeans. Seu coração batia quase tão alto quanto o pé de Scott na porta.

— Aí, mano, eu preciso usar o banheiro! — gritou Scott do outro lado.

George fechou a bolsa o mais silenciosamente que conseguiu e procurou um lugar para escondê-la. Não podia sair com ela. O irmão ia querer saber o que tinha dentro. O único armário do banheiro estava cheio de toalhas e não fechava direito. Também não servia. Finalmente, ela pendurou a bolsa no chuveiro e fechou a cortina, torcendo desesperadamente para Scott não ter um raro surto de higiene naquele momento.

Scott entrou correndo assim que George abriu a porta, abrindo a calça jeans antes de chegar à privada. Ela saiu rapidamente, fechou a porta e se encostou na parede do lado de fora para recuperar o fôlego. A bolsa ainda devia estar balançando no chuveiro. George torcia para que não batesse na cortina ou, pior, não caísse na banheira causando um baque.

George não queria ser flagrada ao lado do banheiro quando Scott saísse, então desceu para a cozinha. Serviu um copo de suco de laranja e se sentou à mesa, com a pele formigando. Do lado de fora, uma nuvem passou pelo céu, e o aposento ficou mais escuro. Quando a porta do banheiro se abriu, George pulou na cadeira, derramando suco na mão. Ela percebeu que nem estava respirando direito.

*Tum, tum, tum-tum-tum-tum-tum.* Scott marchou escada abaixo com uma caixa de DVD na mão. Ele abriu a geladeira, pegou a caixa de suco de

laranja e tomou um longo gole. Estava usando uma camiseta preta fina e uma calça jeans com um pequeno rasgo no joelho. Ele não cortava o cabelo havia meses, e seus cachos castanho-escuros formavam uma juba na cabeça dele.

— Foi mal te atrapalhar enquanto você estava cagando. — Scott limpou o suco dos lábios com o braço.

— Eu não estava cagando — disse George.

— Então por que demorou tanto?

George hesitou.

— Ah... saquei — disse Scott. — Aposto que estava com uma revista lá dentro.

George ficou paralisada, com a boca entreaberta e o cérebro no meio de um pensamento. O ar pareceu esquentar e sua mente girou. Ela colocou as mãos na mesa para ter certeza de que ainda estava ali.

— É isso aí. — Scott sorriu, alheio ao pânico de George. — Esse é meu irmãozinho! Crescendo e vendo revista de mulher pelada.

— Ah — disse George em voz alta.

Ela sabia o que eram revistas de mulher pelada. E quase riu. As garotas nas revistas que ela estava vendo usavam bem mais roupas do que aquilo, mesmo as na praia. George relaxou, pelo menos um pouco.

— Não se preocupe, George. Não vou contar pra mamãe. Já estou saindo de novo. Só tinha que pegar isto. — Scott balançou a caixa de plástico que estava segurando, e o DVD lá dentro foi sacudido. — Ainda nem vi, mas dizem que é um clássico. É alemão. O título significa alguma coisa tipo *O sangue do mal*. Os zumbis mordem o braço de um cara e matam ele, e aí um outro cara tem que usar o braço arrancado do melhor amigo que morreu pra lutar contra os zumbis. É demais.

— Parece nojento — disse George.

— E é! — Scott assentiu com entusiasmo.

Ele tomou outro gole do suco de laranja, colocou a caixa de volta na geladeira e foi na direção da porta.

— Vou deixar você voltar a pensar sobre garotas — brincou Scott na saída.

George correu para o banheiro, recuperou a bolsa e a enfiou no fundo do armário, debaixo dos brinquedos e dos bichos de pelúcia. Colocou também uma pilha de roupas sujas por cima de tudo, só por garantia. Em seguida, fechou a porta e caiu de cara na cama, com as mãos cruzadas em cima da cabeça, os cotovelos pressionando as orelhas. Ela desejava poder ser outra pessoa — qualquer outra pessoa.

## capítulo II

# CHARLOTTE MORRE

A Sra. Udell se encostou na sua enorme mesa enquanto lia para a turma do quarto ano a partir de um exemplar surrado de *A menina e o porquinho*, de E. B. White. Ela estava com o cabelo preto brilhante preso em um coque frouxo, e brincos de madeira pendiam dos lóbulos compridos de suas orelhas.

Na cadeira ao lado da janela, George não conseguia ouvir. Não conseguia prestar atenção. Charlotte, a aranha maravilhosa e gentil, tinha morrido, e nada estava bom. O livro todo era sobre Charlotte salvando o porquinho Wilbur, mas depois ela vai e morre. Não era justo. George apertou os punhos nos olhos, esfregando até fileiras e fileiras de pequenos triângulos girarem e cintilarem com intensidade na escuridão.

Uma lágrima caiu no livro de George e se espalhou em uma teia na página. Ela inspirou devagar, tentando não fazer barulho. De respiração rasa em respiração rasa, acabou ficando tonta. Ela inspirou fundo então e, nesse momento, fungou. Alto. George conseguiu ouvir claramente os sussurros na sala silenciosa.

— Ei, alguma garota está chorando por causa de uma aranha morta.

— Não é garota nenhuma. É o George.

— Quase isso. — Em seguida, gargalhadas.

George não se virou para olhar. Não precisava. Sabia exatamente o que veria. Rick se sentava a duas fileiras de George, e Jeff se sentava logo atrás de Rick. Jeff estaria inclinado para a frente na cadeira, com o cabelo espetado quase nos ombros de Rick. Rick estaria inclinado para trás, com o casaco preto de beisebol. Os dois estariam com as mãos nas bocas, tentando falar baixo — sem esforço.

No passado, George e Rick foram amigos, ou pelo menos tiveram um relacionamento amistoso. No segundo ano, houve um torneio de damas da turma, e George e Rick foram os dois melhores jogadores. A partida final do torneio foi disputada, e Rick venceu por pouco, depois de conseguir fazer uma dama com sua última peça. Apesar de George ter perdido, os dois ficaram se chamando de Campeões das Damas durante semanas.

No terceiro ano, Jeff entrou na turma. Ele havia se mudado da Califórnia e não estava muito contente com isso. No começo, arrumou brigas e ameaçou a maioria dos garotos, inclusive George. Jeff só se adaptou em outubro e quando ele e Rick se tornaram amigos, Rick passou a não ser mais tão legal com George. Nas férias de inverno, Jeff e Rick estavam inseparáveis, e agora era como se os Campeões das Damas fossem dois garotos que, mesmo se conhecendo no passado, não conheciam nem George e nem Rick de verdade.

A Sra. Udell olhou para os garotos que estavam rindo, limpou a garganta e leu o parágrafo final do capítulo. Os alunos tinham idade suficiente para ela quase nunca precisar ler em voz alta para eles, mas hoje ela queria que eles se concentrassem no que chamava de “melancolia magnífica dos momentos finais de Charlotte”.

Quando terminou, a sra. Udell fechou o livro, colocou-o em cima de uma pilha de papéis na mesa e tirou os óculos.

— Eu gostaria que todos vocês pegassem os cadernos e escrevessem um pouco suas reações a esse capítulo. Vocês podem parar um momento para refletir, mas coloquem logo as palavras no papel. Quero que busquem lá dentro e escrevam alguns *sentimentos*.

A sala 205 se encheu ao som de cadernos sendo tirados de carteiras, páginas sendo viradas e lápis sendo procurados. A Sra. Udell andou pelo corredor na direção de Jeff e Rick e falou com eles em particular. A voz dela se misturou com os barulhos da sala, então George mal conseguiu ouvi-la apesar de estar a duas carteiras de distância.

— Alguns de nós encaram a morte de forma muito séria. — As palavras da Sra. Udell pareciam gelo. Ela olhou para Jeff e depois para Rick. Os dois estavam olhando para os próprios tênis. — É um assunto sério, e eu espero que vocês respeitem a si mesmos, aos colegas e à própria vida tratando-o assim.

Jeff e Rick murmuraram pedidos de desculpas. George não sabia se os *desculpa* desanimados eram para ela, para Sra. Udell, ou para Charlotte. Ela não sabia nem se ligava. Assim que a Sra. Udell deu de costas, Jeff revirou os olhos. Ele estava sempre revirando os olhos para alguma coisa, normalmente acrescentando algum comentário malicioso.

A Sra. Udell passou pela carteira de George.

— Para ser sincera, não sei o que pensar de uma pessoa que não chora no final de *A menina e o porquinho*.

— Você não chorou — murmurou George.

— Chorei nas primeiras três vezes... e muitas outras vezes depois. — A Sra. Udell fez uma pausa, e por um momento pareceu que ia começar a chorar ali mesmo. — O que quero dizer é que só uma pessoa especial chora por causa de um livro. Mostra compaixão além de imaginação. — Ela deu

um tapinha no ombro de George. — Nunca perca isso, George, e sei que você vai se tornar um ótimo rapaz.

A palavra *rapaz* a atingiu como um amontoado de pedras caindo em seu crânio. Era cem vezes pior do que *garoto*, e ela não conseguiu respirar. Mordeu o lábio com força e sentiu novas lágrimas surgindo nos olhos. George colocou a cabeça na carteira e desejou ser invisível.

A Sra. Udell voltou com o passe para o banheiro. Era um bloco de madeira gasto de uma aula do jardim de infância e tinha a palavra MENINOS com marcador verde permanente em um lado. George virou o bloco com um estalo vazio, para que o lado virado para ela fosse o que dizia SALA 205.

A sra. Udell colocou a mão no ombro dela, mas George a afastou e se levantou. Com os olhos manchados de lágrimas, ela mal conseguiu ver o caminho até a porta da sala e seguiu pelo corredor mais orientada por sua memória do que pela visão. Entrou tropeçando e soluçando no banheiro — masculino. Os lábios tremiam, e lágrimas salgadas pingaram na boca.

George odiava o banheiro dos meninos. Era o pior lugar da escola. Ela odiava o cheiro de xixi e água sanitária e odiava os azulejos azuis na parede que só serviam para lembrar onde ela estava, como se os mictórios não tornassem óbvio o bastante. O local todo era feito para meninos e, quando meninos entravam, eles gostavam de falar sobre o que tinham entre as pernas. George sempre tentava usar o banheiro quando ele estava vazio. Ela nunca bebia nos bebedouros da escola, mesmo se estivesse com sede, evitando assim sua ida ao local em alguns dias.

George baixou a cabeça até perto da torneira e jogou água fria no pescoço até tremer. Depois, esfregou papel-toalha na cabeça. Penteou mechas de cabelo ainda molhado com os dedos e deu um sorriso fraco para si mesma no espelho.

No corredor, George segurou o passe com dedos frouxos e deixou que arrastasse na parede, enviando vibrações pela mão. O *clique* ritmado ecoou

pelo corredor enquanto o bloco de madeira pulava pelas tiras finas de cimento entre os azulejos.

George abriu a porta da sala devagar, com medo das gargalhadas, mas os alunos estavam concentrados demais nos cadernos para reparar no retorno dela. O assunto, “Reações Pessoais”, estava escrito no quadro com a caligrafia cuidadosa da Sra. Udell. George pegou seu caderno, escreveu a data e o assunto do dia. Quando conseguiu escrever *Charlotte morreu*, o tempo para a atividade havia acabado.

A Sra. Udell não pediu a ninguém para ler em voz alta. Em vez disso, deu um recado para a turma.

— Amanhã a diversão de verdade vai começar! Agora, fico feliz em dizer que não temos mais nada a fazer. — Ela falou a rima como se fosse um poema curto. — Guardem os cadernos, e vamos ver que fileira está pronta para pegar suas coisas.

Por *diversão*, a Sra. Udell queria se referir à versão teatral de *A menina e o porquinho* que as turmas do quarto ano encenariam para os alunos mais novos das outras séries. A cada primavera, era tradição escolar todos os alunos do primeiro ao quarto ano lerem o mesmo livro. Os do primeiro ano ouviam a história dos professores, e às vezes até os alunos do jardim de infância participavam. Depois, cada série fazia uma espécie de projeto. Como alunos mais velhos, as turmas do quarto ano montavam uma peça do livro tanto para os mais novos quanto para a associação de pais e mestres. Só o quinto ano não se envolvia porque eles precisavam se dedicar às provas de acesso ao Fundamental II.

A Sra. Udell já tinha chamado quatro fileiras de alunos, e a sala estava cheia do barulho de zíperes e mochilas sendo largadas em carteiras de madeira. A fileira de George foi a última a ser chamada, e os alunos dela estavam com os olhos grudados na professora.

— Fileira um.

Cadeiras foram arrastadas no chão. George pegou suas coisas lentamente, enrolando enquanto pôde até entrar na fila dos meninos. Ela queria ficar o mais longe possível de Jeff e Rick.

A turma da Sra. Udell andou pelos corredores da escola e foi até o pátio. As crianças que pegavam o ônibus foram liberadas juntas, enquanto as outras esperaram com a Sra. Udell para serem buscadas pelos pais, avós ou babás. George foi para a fila do ônibus dela.

— George, espere! — gritou uma voz vinda de trás.

Kelly, a melhor amiga de George, estava com o cabelo trançado e tinha cheiro de laranja e ponta de lápis. Estava usando uma camiseta que dizia:

**99% gênio**  
**1% chocolate**

— Meu pai disse que você pode ir lá em casa no fim de semana para ensaiar — disse ela assim que alcançou George. Ela passou a semana toda falando sobre os testes. — Você ainda quer participar da peça comigo, não quer?

George queria participar da peça. Mais do que qualquer coisa. Mas não queria ser um porco fedido. Queria ser Charlotte, a aranha gentil e sábia, mesmo sendo um papel de garota. Sua boca estava aberta, mas ela não conseguiu falar.

Kelly levantou as mãos com as palmas na frente dos olhos de George.

— Sou Kelly, a toda maravilhosa que sabe tudo — entoou ela. — Estou achando que você não está bem. Agora, minha criança, qual é o seu problema? — Ela fechou os olhos e levou as mãos lentamente até as laterais da cabeça de George, espiando só um pouco para ter certeza de que não ia enfiar o dedo no olho da melhor amiga.

— Se você sabe tudo, porque não sabe o que é? — perguntou George.

Kelly abriu os olhos por tempo suficiente para envesgá-los na direção do nariz. Em seguida, fechou as pálpebras.

— Tudo bem. Sou Kelly, a toda maravilhosa que sabe quase tudo. Vou tentar sentir qual é seu problema. — Ela abriu os olhos de novo e baixou as mãos. — Já sei! Você está com medo de palco. Sei tudo sobre medo de palco. Meu tio Bill diz que meu pai tem muito medo de palco e que é por isso que deixa as outras pessoas ficarem ricas tocando as músicas dele.

— Não é medo de palco.

— Tudo bem, pode ser que não. Também acho que meu pai não tem medo de palco. Ele só é um tipo diferente de artista. — Kelly balançou o ombro de George. — Mas o que é então? Você *sabe* que eu não aguento suspense. Me conta, senão eu...

— Senão você o quê?

Os olhos de Kelly brilharam de inspiração.

— Senão vou chamar meu exército de monstros para atacar você à noite e sugar seu cérebro com um canudo maluco e transformar você em um dos meus servos, e você vai ter que fazer tudo que eu mandar. Inclusive me contar em que está pensando! O que é? O que é? O que é?

George olhou ao redor para ter certeza de que ninguém conseguiria ouvir.

— Tudo bem, tudo bem, calma! A questão é a seguinte. Eu não quero ser *Wilbur* na peça — disse ela para Kelly.

— Ah. Isso não é problema. Tem muitos outros papéis na peça. O nome deles é coadjuvante. Meu pai diz que os melhores artistas não seriam nada sem um excelente elenco coadjuvante. Vamos falar com a Sra. Udell e ver que papel você pode pegar.

— Eu não quero qualquer papel — disse George.

— E quem você quer ser? Templeton, o rato?

George balançou a cabeça negativamente.

— Avery? — tentou adivinhar Kelly. — O Sr. Zuckerman? O Sr. Arable?

George continuou balançando a cabeça.

— Quem mais tem na peça? — perguntou Kelly com incredulidade.

— Eu quero ser Charlotte — sussurrou George.

Kelly deu de ombros.

— Legal. Se você quer ser Charlotte, devia fazer o teste para o papel dela. Você faz drama pra tudo. Quem liga se você não é garota?

O estômago de George despencou. Ela ligava. E muito.

Na rua, um dos ônibus ligou o motor.

— Eu tenho que ir! — Kelly saiu correndo. — Um, dois, três! — gritou ela, virando a cabeça para trás.

— Zut — respondeu George.

No primeiro ano, Kelly e George decidiram que dizer *um-dois-três-zut* era bem mais legal do que dizer *tchau*. Eles ouviram isso em um desenho e ficaram rindo o dia todo. Nenhuma das duas conseguia lembrar em que programa foi, e às vezes parecia bobeira ainda estar dizendo *um-dois-três-zut*, mas ninguém queria ser a primeira a parar.

\* \* \*

Naquela noite, George sonhou que subia ao palco como Charlotte. Ela estava toda de preto, com pernas adicionais penduradas pelos lados do corpo, e recitava as palavras mais lindas para todo o auditório ouvir. A primeira fala foi dita com perfeição, assim como a segunda. Mas aí, um estranho barulho soou acima. George olhou para o alto, mas só conseguiu ver a cortina pesada do palco, que a envolveu em uma escuridão abafada antes de derrubá-la escada abaixo. Logo ela estava caindo e não conseguiu respirar pelo que pareceu muito tempo.

George acordou suando. Demorou um momento para perceber que estava acordada, na cama, e não sufocando. O lençol estava todo enrolado em suas pernas.

Mesmo assim, tudo que ela conseguia ver era a imagem de Charlotte. Enquanto comia o cereal com leite, enquanto colocava a calça jeans e a camiseta, enquanto escovava os dentes, ela se visualizava cumprimentando a plateia com um belo “Saudações”. Ela é quem devia declarar que Wilbur era *incrível*. E ela também que devia fazer as pessoas chorarem com a despedida final.

## capítulo III

# É TUDO FINGIMENTO

George morava no lado esquerdo de uma casa geminada com mamãe e Scott. Quando se referia à família, era de mamãe e Scott que costumava estar falando. Papai morava com a nova esposa, Fiona, em uma casa na região montanhosa de Poconos, na Pensilvânia, a algumas horas de distância. Scott e George o visitavam todos os verões por duas semanas, como se fosse uma colônia de férias. Papai era um pai melhor em meio período do que quando era em tempo integral.

O Sr. e a Sra. Williams moravam no outro lado da casa geminada. Eram um casal aposentado cujas aventuras diárias ao ar livre geralmente se resumiam a um arrastar de chinelos para buscar a correspondência e o jornal. George os achava calmos e agradáveis, e torcia para que nunca fossem morar em outro lugar. Se uma nova família se mudasse para a casa ao lado, talvez tivesse um garoto da idade dele. Aí, mamãe esperaria que George e o garoto fossem melhores amigos.

*Vocês dois vão se divertir tanto, mamãe diria. É só ir se apresentar e sorrir.* Mamãe era inteligente, e George a amava muito, mas ela não sabia

nada sobre os garotos. Os garotos não gostavam de George, e George também não tinha tanta certeza do que achava deles.

Ela retirou a bicicleta do galpão no quintal dos fundos, passando pelo caminho de cimento rachado, até chegar à rua. Era domingo à tarde, e Kelly a tinha convidado para ir à casa dela ensaiar para os testes de segunda. A amiga disse que elas podiam se revezar fazendo o papel de Charlotte, e o estômago de George tremeu com a ideia de ler as falas da aranha em voz alta. George foi de bicicleta até a casa de Kelly, seguindo a sombra curta da tarde pela rua principal.

Kelly e o pai moravam em um apartamento de dois aposentos no subsolo, e a porta da frente era na verdade uma porta dos fundos. O quintal era mais pavimentado do que de grama, embora tufo verdes surgissem pelas rachaduras no concreto.

George apoiou a bicicleta na parede de trás da casa, pendurou o capacete no guidão e desceu os três degraus traiçoeiros e íngremes de concreto, segurando no corrimão fino de metal para se apoiar. Bateu com força na porta de madeira, competindo com o rock alto que tocava lá dentro.

Kelly a recebeu com um sorriso gigantesco. O apartamento dava diretamente na sala grande e bagunçada. Eletrodomésticos e uma pia cheia de pratos ocupavam uma parede. Em outro canto havia uma cama não arrumada. Caixas de papelão estavam empilhadas para todo lado. Pilhas de livros e papéis ocupavam qualquer lugar em que coubessem: a mesa, as estantes, as caixas de sapatos em cima das estantes, a parte de cima da TV, o armário aberto e entulhado. George já vira inclusive partituras dentro do freezer algumas vezes. (Kelly dizia que ocasionalmente o pai precisava deixar uma música esfriando antes de voltar a trabalhar nela.) Um único abajur de piso tentava iluminar o aposento, mas os cantos do apartamento ficavam tomados de escuridão.

O pai de Kelly era músico, mas não se apresentava no palco com frequência. Em vez disso, escrevia músicas para outras pessoas tocarem. Kelly jurava que as pessoas para quem o pai compunha eram famosas, mas George nunca havia escutado falar delas. Quando Kelly ia jantar na casa da amiga, adorava citar os cantores e bandas para a mãe de George, que reconhecia alguns.

Hoje, o pai de Kelly estava sentado no meio da sala, com os olhos grudados no papel que tinha nas mãos. Estava cercado de dezenas de pilhas de partituras, espalhadas por toda a sala, tanto soltas quanto presas em cadernos. Algumas delas tinham mais de meio metro. Ele colocou a página que estava segurando em uma pilha, que parecia prestes a cair, atrás dele.

— Meu pai está arrumando! — anunciou Kelly. — O que você acha?

— Uau — disse George.

Isso parecia cobrir o tamanho do dano.

— Tem que bagunçar antes de ajeitar — gritou o pai de Kelly mais alto que a música. Ele andou até o aparelho de som para baixar o volume. — Oi, George.

— Oi.

George nunca soube como chamar o pai de Kelly. *Sr. Arden* era formal demais para uma pessoa como ele, mas George se sentia esquisita chamando um adulto pelo primeiro nome, apesar de ele ter dito “Me chame de Paul” mais de uma vez. Para George, ele era apenas o pai de Kelly, mas ela achava que ele não queria ser chamado assim.

— Então você veio para ser um ator protagonista? — perguntou ele enquanto levantava uma caixa de uma pilha e a acrescentava à bagunça no chão.

— Acho que sim — disse George.

— Venha, vamos começar. — Kelly segurou George pela mão e a levou pelo tapete bege manchado até a porta do quarto. — Divirta-se com seu

projeto, pai. Bata se precisar de alguma coisa. E tente não fazer barulho. Temos falas para ensaiar, você sabe como isso é importante.

— Sim, senhora! — O pai de Kelly deu um aceno firme e voltou a atenção para a partitura seguinte na pilha à frente dele.

Entrar no quarto de Kelly era como entrar em outro mundo. A mesa e a cômoda eram impecáveis, a cama estava sempre bem-feita, e dezenas de fotos emolduradas estavam penduradas com estilo na parede. Linhas recentes de aspirador marcavam o tapete rosa, e o ar tinha cheiro de limão.

— Uau, Kelly. Seu quarto está mais arrumado do que o habitual.

— Eu tive um surto de limpeza. Foi o que inspirou meu pai.

— Acho que você devia dar umas aulas pra ele.

— Rá! Ele acha que encontrar coisas perdidas é parte da diversão. Diz que é como garimpar em busca de ouro. Olha, eu acho que você teve uma ótima ideia.

— Que ideia?

— A de fazer o teste para Charlotte. A Sra. Udell vai adorar, porque você gosta tanto da personagem a ponto de querer interpretar o papel no palco, mesmo ela sendo garota e você sendo garoto. Mas é tudo fingimento, né?

— Hã... — Isso foi tudo que George conseguiu dizer. Fazer papel de garota não seria exatamente fingimento, mas ela não sabia como dizer isso para a amiga. Além do mais, era difícil fazer Kelly parar quando ela começava. Mamãe dizia que Kelly devia ser advogada. Kelly disse que o pai a processaria se ela tentasse.

— Sabe — continuou Kelly —, pode ser que ela dê o papel pra você só pra causar. Ela sempre fica falando que não devemos deixar as expectativas das pessoas limitarem nossas escolhas.

— Mas é mais do que só a peça — tentou explicar George.

— Claro que é. Tem uma história toda de garotos fazendo papel de garotas no teatro. Você sabia que todos os personagens nas peças de Shakespeare eram feitos por homens? Até os papéis femininos. Mesmo se eles tivessem que se beijar! Dá pra acreditar nisso?

George pensou por um momento em beijar um garoto, e a ideia a fez formigar. Viver na época de Shakespeare não parecia tão ruim, mesmo que você tivesse que fazer cocô do lado de fora.

Kelly prosseguiu.

— Romeu e Julieta foram feitos por garotos. Garotos! Imagina só. O próprio William Shakespeare pode ter feito papel de Julieta. Se você quer ser Charlotte, devia poder fazer o teste como todo mundo. É justo. E se você ficar nervoso, meu pai diz que você só precisa imaginar a plateia pelada.

George não entendeu como isso ajudaria.

— Kelly? — disse ela.

— O quê?

— Seu pai é esquisito.

— Eu sei *disso*.

Kelly ficou de pé no meio do quarto e fez algumas reverências, como se estivesse no palco. Olhou ao redor com nervosismo e apontou para a plateia imaginária, gritando:

— Como posso atuar na frente de vocês? Vocês estão pelados! Isso é muita grosseria!

Kelly começou a rir, e George se juntou a ela até as duas estarem se contorcendo em meio a ataques de gargalhadas, gritando de vez em quando coisas como “Não consigo atuar desse jeito!”, “Onde está minha limusine?” e “Chamem meu agente!”, até que, finalmente, sem ar e com as bochechas doendo, as risadas foram ficando mais espaçadas. De repente, com determinação, Kelly deu um pulo.

— Tudo bem, vamos ao ensaio.

Ela abriu a gaveta de baixo da escrivaninha. Lá dentro, um arco-íris de pastas de arquivo mantinha os diversos papéis em seus lugares. Kelly pegou duas folhas em uma pasta na frente e depois fechou a gaveta.

— Fiz uma cópia na impressora do papai ontem à noite. — Ela entregou uma folha de papel para George. A palavra *CHARLOTTE* estava impressa em letras garrafais no alto, originalmente escrita com caneta preta grossa. Embaixo estava a primeira conversa entre Charlotte e Wilbur. Independentemente dos papéis que quisessem, todas as meninas faziam o teste com as falas de Charlotte, e todos os meninos faziam o teste com as de Wilbur.

— Por que você não faz a Charlotte primeiro? — Kelly ficou de quatro e colocou o roteiro no tapete à frente.

Ela fez um *oinc* para George, que se empoleirou o mais alto que conseguiu nos travesseiros na cabeceira da cama. Quando elas estavam fazendo a cena, George se surpreendeu. Ela achava que ficaria nervosa, mas pareceu natural dizer as falas de Charlotte em voz alta. Elas terminaram rápido demais.

— Troca de lugar! — disse Kelly, caindo na cama e se deitando de costas com a cabeça caída pela lateral. Ela esticou o papel na frente do rosto, de cabeça para baixo, para poder ler. — Pronta — disse ela.

George desceu da cama e se sentou de pernas cruzadas no chão. Ela leu as falas de Wilbur e ouviu Kelly ecoar as palavras que ela mesma tinha lido em voz alta momentos antes. George ficou satisfeita quando chegou a hora de trocar de novo. Ela subiu de forma majestosa até o alto da cama, esticando os braços como as patas de uma aranha, enquanto Kelly pulava no chão e roncava.

— Saudações! — gritou George, e a cena começou de novo. As palavras provocavam uma sensação boa ao saírem por sua boca.

As amigas leram o diálogo das duas formas até conseguirem dizer a maioria das falas de cor. Kelly acabou se recusando a abrir mão do papel de Wilbur, e George repetiu com animação o papel de Charlotte.

— Você não se importa? — perguntou George. Ela poderia ficar lendo as falas de Charlotte o dia todo.

— Eu estou me divertindo! — disse Kelly. — Além do mais, você é uma Charlotte melhor do que eu. Eu sempre erro a primeira fala!

Kelly estava certa. Ela ficava dizendo “Sa-Ú-da-ções” em vez de “Sauda-ÇÕES”. *Saudações* era o jeito elegante como Charlotte cumprimentava Wilbur pela primeira vez e exibia seu vocabulário magnífico. Era uma primeira fala importante.

— Tem outros papéis também. Eu poderia ser Fern. Vou falar “Pai! Aonde você vai com esse machado?” — Ela levantou as mãos em um protesto imaginário.

— Machado? Que machado? — O pai de Kelly tinha aberto a porta e colocado a cabeça dentro do quarto. — Eu não tenho machado. Sou um homem do teclado. *Da-dum-dum-dum-dum-dum*. — Ele bateu com os dedos na cintura, como se estivesse tocando um instrumento imaginário. — Entenderam? Machado? Teclado?

— É sério, pai? — Kelly lançou um olhar a ele. George deu um sorriso sem graça.

Kelly se voltou para George.

— Os músicos mais famosos chamam suas guitarras de *axes*, machado em inglês. Acho que faz com que se sintam mais descolados.

Ela voltou a atenção para o pai.

— Eu não falei para você bater primeiro? Estamos tentando ensaiar.

— Vocês já estão fazendo isso há um tempo. Achei que deviam estar com sede. Tem suco de uva na geladeira.

— Bem, nesse caso, meu estimado pai — proclamou Kelly —, não me importo de você nos incomodar. Depois de tanto ensaio, estou com a garganta seca.

— Aposto que seu companheiro de palco também está, Srta. Arden. O que você diz, Sr. Mitchell? Aceita uma bebida?

George fez que sim. Ela odiava ser chamada de Sr. Mitchell. Tinha vontade de gritar *O Sr. Mitchell mora em Poconos com uma mulher chamada Fiona!* Sr. Mitchell era o nome do pai dela. Também seria o nome do irmão dela, Scott, um dia, mas nunca seria o dela.

George foi atrás de Kelly até a sala do apartamento e até a geladeira, onde Kelly serviu suco em dois copos de plástico de uma churrascaria local. A maioria dos pratos nos armários eram de plástico. Havia uns poucos copos de vidro no fundo da prateleira, além de sobras de vários conjuntos diferentes, mas ninguém parecia usá-los. Considerando a frequência com que derrubavam copos na casa dos Arden, devia ser mesmo uma boa ideia.

Kelly bebeu o suco todo em três goles.

— Ahhhhhhhhhhh! Suco de uva verde. Meu favorito!

Ela passou a mão pela boca, colocou o copo na pilha de louça que enchia a pia e foi para o espaço vazio no chão, onde o pai estava sentado antes em meio ao caos da papelada. Fez *oinc* várias vezes e empurrou as pilhas mais próximas com cuidado para fora do caminho antes de rolar de costas e se balançar de um lado para o outro; um porco chafurdando na lama com alegria.

O pai de Kelly pegou o copo no alto da pilha de louça e serviu suco para si mesmo. Ele riu da palhaçada da filha.

— Você está tentando dizer que a minha sala é um chiqueiro?

Kelly fez *oinc* e assentiu vigorosamente.

O pai de Kelly se virou para George.

— Quer ficar para jantar? Vou fazer a *Surpresa Superespecial!*

— Hã, agradeço, mas acho que minha mãe quer que eu volte.

— Como preferir.

Kelly segurou a melhor amiga pela mão e a acompanhou de volta até o quarto. Elas repassaram as falas mais uma vez. George gostaria de ficar fazendo o papel de Charlotte o dia todo, mas Kelly alegou que estava cansada e pegou a câmera.

O aparelho era pequeno e prateado, com uma lente na frente que se esticava ao dar zoom e voltava. Ela ganhou de aniversário no verão anterior, e não houve um dia depois disso que não tirasse foto de alguma coisa. Ela adorava pensar no enquadramento da imagem e decidir onde a foto ia começar e o que deveria ficar de fora dela.

Algumas das fotos nas paredes eram retratos de pessoas. Uma do pai de Kelly no palco tocando baixo. Uma do tio Bill pintando em um campo de dentes-de-leão, como um hippie. E uma foto granulada de uma mulher alta de pele escura, de saltos e vestido azul brilhante, segurando um microfone. Era a única foto na parede que não foi Kelly quem tirou, e apesar de ela quase nunca falar sobre aquela foto, George sabia que era a mãe da amiga.

Mas nem todas as fotos eram de pessoas que Kelly conhecia. Tinha uma criança sorrindo num trepa-trepa; um homem de terno tomando café, absorto em seus pensamentos; e um casal idoso de mãos dadas em um banco de parque. As outras fotos eram imagens tão próximas de objetos comuns que mal dava para distinguir o que eram. Havia um lápis-borracha gasto, uma pilha de canetinhas, as cordas de um violão e uma forma ensombreada com um triângulo prateado brilhoso no meio. Nem Kelly lembrava qual era esse objeto originalmente, mas era a foto favorita de George.

Kelly colocou George de costas para a porta, em pé, e começou a fotografar.

— Põe o pé esquerdo na frente do direito — disse para George. Ela obedeceu, mas Kelly franziu a testa. — Não, põe de volta. — Ela tirou mais algumas fotos. — Olha para o céu. Não, não como se você estivesse olhando para um avião. Como se você estivesse olhando para uma folha em uma árvore.

George não se importava muito quando Kelly tirava algumas fotos suas, mas odiava quando a amiga tentava criar uma pose para ela. Como Kelly era persistente, era mais rápido deixar que tirasse as fotos do que discutir com ela, perder e ter que aguentar Kelly tirando ainda mais fotos para provar que estava certa.

Kelly ajustou George com um livro e fotografou closes dos espaços entre os dedos. Deu a George um boné e um óculos de sol e tirou fotos até George não aguentar mais e implorar para ela parar.

— E se a gente tirar algumas lá fora? — perguntou Kelly.

— Não — respondeu George. — Tenho que ir embora.

— Tudo bem. É mesmo melhor você ir antes que meu pai anuncie que a *Surpresa Superespecial* está pronta e insista para que você fique.

— O que é essa *Surpresa Superespecial*, afinal?

— Meu pai fritava vários restos. De vez em quando, fica uma delícia. Normalmente, fica mais ou menos. E às vezes fica tão ruim que temos que pedir pizza.

George se despediu de Kelly e empurrou a bicicleta pelo caminho rachado junto à casa.

— Um, dois, três... — gritou Kelly da janela do porão.

— ZUT! — gritou George no ar do início da noite. Ela colocou o capacete e começou o trajeto familiar de volta. Casas passaram borradas enquanto as palavras de Charlotte continuavam a correr pela mente dela.

\* \* \*

Em casa, mamãe estava olhando para a despensa aberta, com o cabelo castanho-escuro comprido preso no rabo de cavalo de sempre. Estava com uma camisa polo e calça jeans, as mesmas roupas que usava debaixo do jaleco branco no trabalho todos os dias. Ela preferia calças jeans a saias e não usava maquiagem. Dizia que não era bom para a pele e, além do mais, as mulheres já eram bem bonitas como eram. Realmente, mamãe era linda. Era alta, com um sorriso gentil e genuíno, e tinha os mesmos olhos verdes de George.

— Oi, Gee-gee — disse ela ao fechar a porta da despensa.

Quando George era pequena e não conseguia dizer seu nome direito, se referia a si mesma como Gee-gee. A mãe ainda a chamava assim, apesar de Scott ter dito que parecia nome de menina. Em segredo, George pensava a mesma coisa.

— Você viu seu irmão? — perguntou mamãe enquanto mexia na geladeira em busca de opções para o jantar.

— Ele foi para a casa do Randy.

— Cachorro-quente e feijão! Vai ser isso!

Scott odiava feijão, mas George e a mãe adoravam.

Enquanto mamãe fazia o jantar, George subiu para tomar banho. Ela tirou a camisa enquanto a banheira se enchia de água, esperando até o último momento possível para tirar a calça e a cueca. Submergiu o corpo na água morna e tentou não pensar no que havia entre suas pernas, mas ali estava, balançando na frente dela. Ela lavou o cabelo com muito xampu, para que as bolhas cobrissem a superfície da água. Esfregou o corpo, se levantou de repente e se secou com a toalha azul felpuda. Em seguida, enrolou a toalha no tronco embaixo das axilas, como as garotas fazem, e passou um pequeno pente preto no cabelo. Penteou para a frente e olhou no espelho, vendo o rosto pálido com sardas, antes de pentear de novo com a divisão de sempre, no meio.

No quarto, George colocou um pijama de flanela coberto de pequenos pinguins de gravatas-borboletas vermelhas. Quando a mãe gritou para avisar que o jantar estava pronto, George desceu para comer.

Mamãe já estava sentada à mesa da cozinha, se preparando para dar uma mordida no cachorro-quente, que estava coberto de mostarda e molho. Ela torrou o pão dela, mas deixou o de George macio e frio, do jeito que ela gostava.

— Valeu, mãe — disse George.

Ela colocou um pouco de ketchup no cachorro-quente e deu uma mordida caprichada na salsicha fumegante.

Elas comeram em silêncio a princípio. Normalmente, era Scott quem falava no jantar. Mas uma pergunta ficava ressurgindo na mente de George.

— Mãe? — disse ela depois de engolir o último pedaço do cachorro-quente, mal percebendo que tinha falado em voz alta.

— O que foi, Gee-gee?

George parou. Era uma perguntinha tão curta, mas ela não conseguia obrigar sua boca a formar os sons.

*Mãe, e se eu for garota?*

George tinha visto uma entrevista na televisão alguns meses antes com uma mulher linda chamada Tina. Ela tinha pele marrom-dourada, cabelo volumoso com mechas louras e unhas compridas e cintilantes. O entrevistador disse que Tina nasceu menino e depois perguntou se ela tinha feito *a cirurgia*. A mulher respondeu que era uma *mulher transgênero* e que o que ela tinha entre as pernas não era da conta de ninguém, exceto dela e do namorado.

Então George sabia que era possível. Um garoto podia virar garota. Ela leu depois na internet que era possível tomar hormônios femininos que mudariam seu corpo, e dava para fazer várias cirurgias diferentes se você quisesse e tivesse dinheiro. Era o que chamavam de *fazer a transição*. Dava

até para começar antes de ter 18 anos, com comprimidos chamados antiandrógenos, que faziam os hormônios de menino já dentro de você pararem de transformar seu corpo no de um homem. Mas, para isso, era preciso ter permissão dos pais.

— George, seja o que for, você pode me dizer. — A mãe segurou George pela mão, e a cobriu com a outra. — O que quer que aconteça na sua vida, você pode compartilhar comigo, e eu vou continuar te amando. Você sempre vai ser meu garotinho, e isso nunca vai mudar. Mesmo quando você crescer e virar um homem idoso, eu ainda vou te amar como meu filho.

George abriu os lábios, mas não havia palavras na boca e apenas um pensamento no cérebro: *Não!* Ela sabia que mamãe só estava tentando ajudar. Mas George não tinha um problema normal. Não tinha medo de cobras. Não tinha tirado nota ruim em matemática. Ela era garota e ninguém sabia.

— Mãe, posso tomar achocolatado?

— Ah, Gee-gee, claro. — Ela foi até a geladeira.

Nas semanas seguintes ao dia em que o pai saiu de casa, mamãe deu a George um copo de achocolatado todas as noites antes de dormir. Ninguém dizia nada. Ninguém tinha nada a dizer. Mas aquelas eram algumas das lembranças favoritas de George, de ficar ali, de estar com mamãe, sabendo que ela nunca iria embora.

George não terminava o achocolatado até que estivesse pronta para ganhar um beijo de boa-noite da mãe. Depois, mamãe pegava o copo quase vazio e virava acima da boca para tomar a última gota. George sempre fazia questão de deixar um restinho.

Agora, mamãe voltou para a mesa com um copo cheio de achocolatado, com espuma em cima depois de sacudir bem a caixa. A doçura encheu a

boca de George. Ela concentrou os olhos com firmeza nas bolhas cremosas, agora na metade do copo.

Depois olhou para a espuma por um minuto e tomou a segunda metade. Teve mais a sensação do que o gosto, o frio descendo pela garganta. Em seguida, entregou o copo para a mãe, que virou acima da língua para tomar aquela última gota.

A doçura do achocolatado cobriu a língua de George, junto com as palavras que estavam na ponta dela. Um dia, de alguma forma, George teria que contar para a mãe que era menina. Mas esse dia não era hoje.

Como faria isso, ela não fazia ideia.

## capítulo IV

# EXPECTATIVA

Os alunos da sala 205 subiram pela escada fria e escura de pedra. Os passos ecoaram pesadamente nas paredes de azulejo. Havia dois corrimões de cada lado da parede, um trinta centímetros acima do outro. Foram pintados de vermelho anos antes, mas a tinta descascou com o tempo e revelou camadas de laranja e verde, com manchas de ferro por baixo. As garotas subiam pelo corrimão à direita. Os garotos, pelos corrimões da esquerda, percorrendo um caminho mais longo pela plataforma da subida.

Os quadros de aviso no segundo andar, decorados pelos alunos mais novos, estavam cobertos de Wilburs e Charlottes feitos de papel pardo. A diretora Maldonado estava no final do corredor. Ela olhava sem dizer nada e sem sorrir, cuidando para que as turmas entrassem em silêncio em suas salas, onde as professoras estavam com seus planos de aulas nas mesas abarrotadas e trabalhos nos quadros-brancos.

Na sala 205, a tarefa do dia estava anotada com letra caprichada no quadro. Dizia: *Se você pudesse ser uma cor, qual cor gostaria de ser? Explique por que em no mínimo 5 linhas.* A turma entrou no ritmo da

manhã, e rabiscos de lápis em cadernos substituíram os arranhados metálicos das cadeiras e os zíperes de casacos.

Assim que a fila do apontador de lápis diminuiu e a maioria dos alunos já estava terminado de escrever, a Sra. Udell chamou alguns voluntários para lerem o que tinham escrito. Janelle disse que seria fúcsia, porque era intensa e escura ao mesmo tempo. Chris queria ser laranja, porque era a única cor que também era comida.

George queria ser rosa para que as pessoas soubessem que ela era menina, mas não foi isso que ela escreveu isso. Então, o que respondeu foi que queria ser roxo, como o céu ao nascer do sol. Ela não levantou a mão para ler a resposta em voz alta. Nunca levantava. A Sra. Udell disse que não tinha problema as atividades serem particulares.

Quando o tempo da tarefa terminou, a Sra. Udell falou com a turma:

— Sei que hoje é um grande dia que muitos de vocês esperam faz tempo, talvez até *ensaiando*.

Murmúrios percorreram a sala, assim como algumas risadinhas das garotas. George sentiu uma onda quente passar por ela ao se lembrar de quando leu as falas de Charlotte.

— Tenho o prazer de anunciar que os testes começarão à uma e meia da tarde — continuou a Sra. Udell. — Qualquer aluno que seja pego olhando para as falas em vez de prestando atenção hoje, assim como qualquer pessoa que me faça perguntas sobre o assunto antes do horário dos testes — a Sra. Udell fez uma pausa para enfatizar — será considerada incapaz de lidar com a *responsabilidade* de atuar.

Ela assentiu com firmeza, indicando que tinha encerrado o assunto. A turma seguiu por uma manhã de matemática, leitura e ciências, desejando impacientemente que a tarde chegasse.

\* \* \*

— Quem come vagem com espaguete? — Kelly fez uma careta quando botou a bandeja laranja na mesa comprida.

O refeitório da escola era no subsolo, e as janelas gradeadas perto do alto das paredes azulejadas deixavam pouca luz entrar. A maior parte da iluminação do grande aposento vinha de longas lâmpadas fluorescentes por todo o teto alto.

George já estava sentada, enfiando o garfo em uma pilha gosmenta de verdura. Ela se inclinou para cheirar, mas não conseguiu sentir nenhum aroma além do odor leve de leite estragado que penetrara a mesa de almoço e não seria removido nem com toda a água sanitária do mundo.

— Quem come vagem com qualquer coisa? — perguntou George, franzindo o nariz.

— Por acaso, eu adoro vagem, sabe. Quando meu pai refoga no alho e com um toque de azeite... — Kelly levou os dedos à boca e deu um beijo no ar. — *Hmmmm! Bon appétit!* Mas essa coisa? — Ela pegou uma vagem murcha com o polegar e o indicador. — Está mais mole do que o espaguete! Que também está cozido demais! Não está *al dente*, que é como se deve cozinhar massas. *Al dente* é o italiano para “ao dente” e quer dizer que ainda está um pouco duro no meio, ou seja, você tem que mastigar. — Kelly pegou alguns fiapos de espaguete e balançou no ar. — Este troço não está *al dente*. Isso eu consigo perceber.

George deu de ombros e girou o garfo para pegar mais espaguete. O refeitório já estava barulhento e ia ficando cada vez mais conforme o resto das turmas do terceiro ao quinto ano enchiam as filas e mesas compridas.

— E então, quer ensaiar? — perguntou Kelly.

— Não aqui. — George indicou a mesa lotada.

Ela não queria que mais ninguém na turma a ouvisse recitando as falas de Charlotte.

— Você sabe que vão descobrir quando você conseguir o papel — observou Kelly.

— Aí é diferente... se eu conseguir. — George não sabia bem como seria diferente, então tentou não pensar no assunto.

— Você que sabe. A gente ensaia então no intervalo.

Kelly pegou a câmera no bolso para tirar fotos das vagens murchas e do espaguete até a Sra. Fields, a voluntária da hora do almoço, virar o rosto na direção dela e mandar que guardasse a câmera.

— Os artistas nunca são apreciados na hora do almoço — resmungou Kelly enquanto guardava a câmera de volta.

\* \* \*

Do lado de fora, predominava o cheiro dos pinheiros que vinha dos pátios das casas perto da escola. O ar estava cheio do zumbido de centenas de alunos no recreio, pontuado por gritos, gargalhadas e, ocasionalmente, o apito agudo da Sra. Fields. Ela era uma mulher baixa e enrugada como uma ameixa seca, com cabelo grisalho afogado e que vivia reprovando tudo e andando com as costas curvadas, o que a fazia parecer ainda mais baixa e mais enrugada do que já era.

Maddy, Emma e várias outras garotas estavam reunidas em um círculo, fofocando sobre o programa favorito de televisão delas, *Not-So-Plain Jane*, e debatendo se os pais as deixariam ir mês que vem ver Jane Plane, a estrela do programa, ao vivo em um show.

Jeff estava com um círculo de garotos ao seu redor também, torcendo para terem oportunidade de darem uma olhada no celular novo dele. A Sra. Fields o confiscaria se visse, então os garotos se amontoaram bem perto. Jeff não deixou nenhum deles segurar, mas permitiu que alguns poucos tocassem na tela.

Kelly e George encontraram um canto tranquilo no final da cerca para ensaiar. Kelly pegou uma cópia da página do roteiro no bolso. George sabia suas falas e não precisava olhar para o papel enquanto praticava, mas o coração batia pesadamente e ela falou rápido demais, engolindo as palavras finais de cada fala. Ela olhava para trás sempre que Kelly falava, para ter certeza de que ninguém estava olhando, e perdia metade das deixas.

Kelly franziu a testa quando elas terminaram.

— Não foi seu melhor desempenho.

— Eu sei.

— Quer fazer tudo de novo?

— Não! — Alguns alunos do terceiro ano ali perto viraram a cabeça na direção do grito de George. Ela baixou a voz. — Quer dizer, não. Aqui é aberto demais. Vou ficar bem quando estiver só com a Sra. Udell.

— Ainda não vejo qual é o problema — disse Kelly. — E daí que você quer fazer uma menina no palco? Não é que você queira *ser* menina.

O rosto de George ficou pálido e o ar ao redor dela aqueceu.

— O que foi? — perguntou Kelly.

George abriu a boca, mas não havia palavras, então ela a fechou. Começou a rir de nervoso. Sua gargalhada carregada encheu o ar, e logo Kelly estava rindo também, embora não soubesse por quê. As gargalhadas de George ficaram frenéticas, e ela se sentiu tonta. Os joelhos fraquejaram até que caísse no chão. Sem querer ficar de fora, Kelly também tombou no concreto preto.

Os garotos no pátio ignoraram George e Kelly, mas a Sra. Fields, não.

— Saiam do chão! — ordenou ela. — Vocês não sabem que animais urinaram aí!

Kelly se levantou de um pulo e esticou a mão para George, que a segurou e deixou que Kelly a puxasse.

— Espero que um animal urine na cabeça dela — sussurrou Kelly para George. Em seguida, perguntou: — Então... por que você estava rindo?

George olhou para a melhor amiga.

— Você está falando sério?

— Claro que estou falando sério — disse Kelly, com o sol intenso brilhando no rosto sincero. — Eu sempre falo sério. A não ser quando não estou falando sério, você sabe. Mas agora estou falando sério.

— Mas você que *falou!* — George não sabia se ficava aliviada ou chateada por Kelly não perceber que ela era menina. O tom agudo na voz dela revelou ansiedade.

— Eu só falei... — Kelly fez uma pausa. — O que eu *falei*, George? Eu sempre me achei uma pessoa engraçada, mas não achava que era uma comediante tão boa a ponto de ser capaz de dizer uma coisa engraçada sem saber.

George abriu a boca, mas, da mesma forma quando conversava com mamãe, não conseguiu dizer as únicas palavras que vibravam em seu cérebro: *Eu sou menina*. Ela queria que o sinal do fim do intervalo tocasse.

— Você está nervoso por causa do teste? — perguntou Kelly. — Não fique. Meu pai diz que homens fazendo papéis de gêneros não tradicionais é bom para a causa feminista. Ele diz que é importante, como artista, estar em contato com seu lado feminino.

No verão anterior, George viu aquela expressão em uma das revistas do pai, uma matéria chamada 10 MANEIRAS DE ENTRAR EM CONTATO COM SEU LADO FEMININO. George ficou animada para ler, mas o texto era decepcionante. Falava sobre tirar um tempo para sentir suas emoções, coisa que George já fazia muito. Pior: o artigo ficava lembrando ao leitor que encontrar seu lado *feminino* o tornava mais homem.

— Podemos não falar mais nisso? — perguntou George.

De alguma forma, era pior Kelly achar que não era nada de mais George querer ser Charlotte na peça em vez de dizer que aquilo era uma péssima ideia. Era como se Kelly não visse que havia alguma coisa errada.

— Caramba, você é que nem um cofre mesmo!

— O quê?

Kelly deu de ombros.

— Sei lá. Meu pai diz isso.

— Kelly. — George segurou Kelly pelos ombros, ignorou o arrepio na barriga e falou com seriedade. — Caso você não tenha reparado, seu pai continua sendo esquisito.

Lá no fundo, George tinha medo de ser mais esquisita ainda.

## capítulo V

# TESTES

Depois do almoço, a turma fez um exercício de ortografia, seguido de uma folha de um trabalho de ciências sobre máquinas simples, mas George só conseguia pensar em fazer o teste para ser Charlotte. Talvez Kelly estivesse certa e a Sra. Udell fosse sentir orgulho de George por ela ser ela mesma e acabasse lhe presenteando com o papel. O ponteiro dos minutos do relógio era muito cruel, empurrando o ponteiro das horas para a frente de forma imperceptível.

Finalmente, os dedos enrugados da Sra. Fields bateram na janela de vidro grosso da porta da sala de aula. A Sra. Udell a convidou para entrar. Ela ficaria de olho na turma enquanto a Sra. Udell estivesse fazendo os testes com os alunos no corredor. Fora do refeitório, ela tinha cheiro de balas.

— Todos estão de parabéns pela paciência. — A Sra. Udell olhou diretamente para Kelly e piscou. — Finalmente chegou a hora de vermos como vocês vão se sair como atores e atrizes. Todo mundo que participar dos testes vai ganhar um papel.

A Sra. Udell faria os testes das duas turmas do quarto ano, tanto a da sala 205 quanto a da sala 207, do Sr. Jackson. Metade dos papéis iria para alunos de cada turma. A Sra. Udell empurrou a cadeira pesada de madeira na direção da porta da sala.

— Hoje, vocês vão ler as falas de Charlotte ou de Wilbur, mas também estão abertos os papéis de Fern, Templeton e dos outros personagens. Quem não fizer o teste hoje, não poderá entrar na peça. Se preferir não estar no palco, não se preocupe. O Sr. Jackson vai precisar de ajuda na equipe de produção.

— Eu estava preocupado — murmurou Jeff.

— Sra. Fields. — A Sra. Udell voltou a atenção para a pequena mulher, que tinha puxado uma cadeira extra e se posicionado confortavelmente em frente à mesa da Sra. Udell. — Obrigada novamente por ficar até mais tarde. Eu agradeço muito.

— Qualquer coisa pelo teatro.

— Por favor, me avise se houver alguém que a senhora ache que não é *maduro* o suficiente para participar da nossa produção. Tenho certeza de que consigo encontrar outra atividade para ele ou ela.

— A equipe da cozinha está sempre de braços abertos para receber uma ajudinha com a louça suja — declarou a Sra. Fields.

A Sra. Udell voltou a atenção para a turma e balançou uma pilha de fichas coloridas.

— Quem estiver interessado em fazer o teste vai ganhar uma ficha com um número. O número vai indicar a ordem dos testes. Meninas primeiro, e depois os meninos. Não espero que vocês saibam as falas de cor, mas espero que as expressem com clareza e entusiasmo. Cada um vai ler somente a sua parte. Vou ler as falas dos outros personagens. Enquanto vocês esperam, podem revisar *silenciosamente* seu papel. Quem não quiser participar dos testes pode começar o dever de casa.

A Sra. Udell pediu aos garotos que desejavam fazer o teste para levantarem as mãos. George levantou a dela até a altura da cabeça. A Sra. Udell contou seis fichas azuis, embaralhou e distribuiu, junto com seis cópias do papel para ensaio. George tirou o número seis. O último número. O tempo mais longo de espera até o teste dela, com **WILBUR** em negrito e letras garrafais a encarando. George afundou na cadeira e virou a página.

A Sra. Udell distribuiu em seguida nove fichas cor-de-rosa para as garotas que levantaram os dedos esticados e depois cochicharam números umas com as outras.

— Oba! — exclamou Kelly, que balançou dois dedos no ar para George, como um sinal da vitória.

Janelle se levantou, balançando uma ficha com o número um. Ela segurou a porta para a Sra. Udell, que empurrou a cadeira até o corredor, e as duas desapareceram. George ficou prestando atenção, mas não conseguiu ouvir nada no corredor com o murmúrio e o barulho de papel dentro da sala de aula.

Ela tentou mergulhar os pensamentos no dever de casa. O de segunda-feira à noite sempre demorava uma eternidade, porque as palavras para soletrar também eram palavras de vocabulário, e a Sra. Udell insistia para que cada aluno escrevesse uma definição oficial de dicionário de cada palavra antes de usá-la em uma frase. Com a permissão da Sra. Fields, George foi para o fundo da sala.

Quando se inclinou para pegar um dicionário, alguém na sala fungou. O estômago de George deu um nó quando houve outra fungada, seguida das palavras “Ah, Charlote, sinto tanto sua falta” e de risadinhas. George mordeu o lábio inferior e voltou até seu lugar, para ficar o mais longe possível das carteiras de Jeff e Rick.

Quando George voltou à cadeira, Janelle botou a cabeça na porta. Kelly deu um pulo e saiu correndo pela porta. Em pouco tempo, voltou sorrindo

para a sala e anunciou com um grande floreio:

— Número três, sua vez!

Kelly fez sinal de positivo para George e se encolheu na cadeira. Alguns minutos depois, quando foi buscar um dicionário nos fundos da sala, ela deixou um bilhete na mesa da amiga. Estava dobrado em um quadradinho. Quando George o abriu, as dobras formaram um quadriculado pela página. O bilhete dizia:

Charlotte,

Você vai ser R-A-D-I-A-N-T-E!!

Kelly

George não conseguiu deixar de sorrir. *Radiante* era uma das palavras que Charlotte tecia em sua teia para salvar Wilbur, e foi uma das palavras do vocabulário deles na semana anterior. Queria dizer “sorridente e cintilante”, e George não conseguia pensar em um elogio melhor. Ela interrompeu o dever para recitar as falas silenciosamente. Lembrava-se de todas e sabia quando fazer uma pausa para dar maior ênfase às palavras.

Maddy estava pálida quando saiu da sala e ainda mais pálida quando voltou. Emma apertava o papel das falas com força. Talvez, se as garotas se saíssem mal o bastante, a Sra. Udell ficasse aliviada de George ser boa a ponto de não se importar por ela não ser menina. Pelo menos, não uma menina comum.

Houve uma longa espera depois que a última garota voltou à sala, enquanto a Sra. Udell ouvia as alunas do Sr. Jackson. Depois de um tempo, a Sra. Udell voltou para anunciar que era a vez dos meninos. Robert foi o primeiro e voltou se gabando:

— Quero ver fazer melhor, número dois!

Mas George não estava preocupada com os meninos. As concorrentes dela já estavam em seus lugares, escrevendo definições para palavras como *gesto* e *narrador*.

Finalmente, o quinto menino, Chris, foi para o corredor. Ele era um garoto branco e gorducho com sorriso dentuço. Voltou com o sorriso mais largo do que nunca e cantou vitória até retornar ao assento. E aí, chegou a vez de George.

No corredor, a Sra. Udell estava sentada na cadeira de madeira pesada, a que combinava com a mesa pesada. Fora de lugar, a cadeira parecia esquisita.

— Você não está com sua folha, George — disse a Sra. Udell.

— Não preciso dela.

— Ah, isso é um bom sinal. Quer dizer que você deve ter ensaiado. — A Sra. Udell deu um sorriso gentil. — Mas fale.

Antes que a Sra. Udell pudesse dizer qualquer coisa, George fechou os olhos e começou. As primeiras palavras saíram apressadas da boca, mas ela desacelerou até chegar à cadência que tinha ensaiado. Sentia-se Charlotte e dedicou toda a atenção a cada palavra que saía da língua. As falas pareceram mais dela ali do que no quarto de Kelly. George chegou ao final do monólogo de Charlotte e estava pronta para o diálogo com Wilbur que vinha em seguida. Mas não ouviu sua deixa. Ela abriu os olhos. A Sra. Udell estava com a testa franzida, e uma ruga densa tinha surgido bem no meio.

— George, o que foi isso? — perguntou ela.

— Eu... — começou George, mas não havia palavras para terminar a frase. — Eu...

— Era para ser algum tipo de piada? Porque não foi engraçada.

— Não era piada. Eu quero ser Charlotte. — A voz de George soou bem mais baixa agora que ela estava falando as próprias palavras.

— Você sabe muito bem que não posso escalar você como Charlotte. Tenho meninas demais que querem o papel. Além do mais, imagine como as pessoas ficariam confusas. Agora, se você estiver interessado em ser Wilbur, isso é uma possibilidade. Ou talvez Templeton. Ele é um sujeito engraçado.

— Não, obrigado. Eu só... eu queria...

— Tudo bem, então. — A Sra. Udell olhou para George de um jeito estranho. — Agora, precisamos voltar para a sala para nos aprontarmos para ir. Você segura a porta para mim?

A Sra. Udell empurrou a cadeira até a sala, balançando a cabeça. Anunciou que era hora de arrumar as coisas e mandou a fileira de George primeiro para o armário de casacos.

George ficou falando sozinha enquanto colocava o livro de matemática na bolsa. *Idiota idiota idiota. Idiota. Corpo idiota. Cérebro idiota. Garotos idiotas e garotas idiotas. Tudo idiota.* Ela chutou a perna da mesa e a derrubou na cadeira de Emma à frente. Emma se virou para trás e lançou um olhar feio para George.

George olhou atentamente para o piso de cerâmica manchado e desejou estar em casa, na cama. Quando a Sra. Udell chamou a fileira dela, George colocou a mochila nas costas e foi até a fila dos meninos, ainda olhando para o chão.

No pátio, Kelly correu até George, com o rabo de cavalo balançando.

— E aí? Como foi? O que ela achou? Ficou impressionada ou não? Aposto que deixou você ser Charlote.

— Não quero falar sobre isso. — George arrastou o pé no chão.

— O que aconteceu? — gritou Kelly, segurando George pelos ombros.  
— Você fez besteira?

— Me deixa em paz. — George se soltou e tentou ir para o ônibus.

— Ela não gostou?

— Não, Kelly. Ela não gostou. Ela odiou.

— Ela disse isso?! — Kelly estava com os olhos arregalados.

— Ela achou que era piada.

— Ah, bem. Pelo menos você tentou. — Kelly deu de ombros. — É o que o meu pai diz.

— AAAAAAHHHH! — gritou George na cara de Kelly. — Não quero ouvir o que seu pai diz!

Kelly encolheu os ombros. Abriu e fechou a boca, depois se virou para a fila do ônibus dela.

George subiu os degraus para o ônibus e andou pelo corredor estreito, com os pés grudando no chão emborrachado. Escolheu um banco vazio na metade do ônibus e torceu para ninguém sentar do lado dela. Abraçando a mochila com força, ela afundou a cabeça no espaço escuro entre a mochila e o peito e segurou as lágrimas.

\* \* \*

— E então, como foram os testes? — perguntou mamãe naquela noite.

Ela havia acabado de chegar em casa do trabalho alguns minutos antes e tinha começado a fazer o jantar, colocando um tijolo de ervilhas congeladas em uma tigela de vidro.

— Eu não participei — murmurou George.

Ela estava sentada à mesa da cozinha, batendo com o lápis no dedo mindinho. A luz do fim de tarde entrava pela janela e iluminava as frações do dever de casa.

— Por quê? Você ensaiou com Kelly durante horas no domingo.

— Tinha muita coisa para decorar.

— Gee-gee, você sabe todas as falas de todos os comerciais que passam na TV. — Ela tirou um saco de filés de peixe congelados do freezer lotado e

arrumou seis em uma travessa.

George deu de ombros.

— É diferente.

— Eu estava tão animada para ver meu garotinho no palco.

Mamãe bagunçou o cabelo de George, que afastou a mãe com um movimento de ombros e baixou a cabeça para o dever. Nenhuma das duas disse nada até Scott bater a porta da frente, anunciando sua chegada.

— Vá lavar as mãos — disse mamãe. — O jantar está quase pronto.

— Lavar as mãos? Por que você acha que estou sujo?

— Porque eu te conheço. Você está sempre sujo. Agora, vá lavar as mãos. Com sabonete!

No jantar, mamãe perguntou a Scott sobre o dia dele na escola.

— Foi incrível! — exclamou Scott.

— Ah, é? — Mamãe estava duvidando. Scott raramente demonstrava entusiasmo pelos estudos. — O que aconteceu?

— A gente estava na aula de educação física e teve que ir para a pista externa correr um quilômetro e meio. E tenho educação física no sexto tempo, certo? — Scott rodava o garfo nos dedos enquanto falava. — Tinha um garoto lá. Ele nem está fora de forma, na verdade. Mas acho que ele comeu alguma coisa no tempo anterior. E *sei* que foi macarrão, porque ele vomitou tudo na pista. O Sr. Phillips teve sair apitando e mandar a gente parar antes porque ficou com medo de alguém escorregar e cair.

Quando Scott mencionou o *macarrão*, mamãe começou a massagear as têmporas. No final da história, já estava segurando a cabeça com as duas mãos.

— Scott — avisou ela por entre lábios apertados.

Scott a ignorou.

— Eu estava logo atrás dele quando aconteceu, então vi o vômito bem de perto. Alguns dos pedaços ainda estavam inteiros. Acho que era

macarrão com queijo, porque era todo amarelo...

— Scott! — gritou mamãe. — Você pode fazer o favor de contar outra história? Talvez uma menos relacionada ao funcionamento do sistema digestório?

— Desculpa, mãe. Vou falar de coisas chatas. Já sei, que tal George? Ele sempre é bom em ser chato.

— Seu irmão não é chato — disse mamãe.

George estava olhando diretamente para a comida. Ela odiava pensar na aula de educação física, mesmo que fosse de outra pessoa. A educação física era o mesmo que garotos gritando com ela para correr mais rápido ou jogar a bola com mais força. Ela odiaria correr um quilômetro e meio com um bando deles.

— E aquela peça que você vai fazer com a sua namorada? — perguntou Scott.

— Ela não é minha namorada — disse George para o prato.

— Seu irmão não fez o teste — explicou mamãe.

— Por que não?! — gritou Scott. — Você passou o fim de semana todo ensaiando a peça sobre a aranha idiota e depois nem faz o teste?

— Charlotte não é idiota! — George largou o garfo.

O talher bateu na beirada do prato e girou no ar. Todos os olhos estavam no objeto, que girou como se em câmera lenta. Bateu no teto e quicou na cabeça de Scott antes de cair no chão.

— Ai! — gritou Scott. — Você viu o que ele fez, mãe? Ele tentou me matar!

— Scott, ele não conseguiria fazer isso nem se tentasse. Foi um acidente e tenho certeza de que ele lamenta. Não é Gee-gee?

George assentiu, atordoada. Ela ainda conseguia sentir o peso do garfo nas mãos.

— Então diga para o seu irmão — disse mamãe antes de ir até o freezer pegar gelo.

— Desculpe, Scott — murmurou George.

Scott massageou a cabeça e sorriu.

— Cara, você tem um braço e tanto. Se um dia entrar numa briga, aposto que vai acabar se saindo bem.

Mamãe voltou com um saco plástico cheio de pedras de gelo. Scott segurou o saco na cabeça com uma das mãos e voltou a comer com a outra.

— Bem — disse mamãe —, pelo menos o ferimento não afetou seu apetite.

Os filés de peixe e as ervilhas macias não exigiam muita mastigação, e logo o prato de George estava vazio. Ela pediu licença e colocou a louça na pia de aço inoxidável. Correu escada acima e fechou a porta do quarto na hora que as lágrimas começaram a cair. Ela se jogou na cama e chorou no travesseiro. Chorou por causa de Charlotte. Chorou por ter ficado com raiva de Kelly. Chorou porque a Sra. Udell achou que ela estava de brincadeira. Mas, principalmente, chorou por si mesma.

Depois, ela pegou a bolsa de brim no fundo do armário e passou os dedos pelas revistas brilhantes. Encostou as páginas frias nas bochechas, deixando marcas de lágrimas, que enrugaram as capas. George disse para si mesma que não se importava se estragasse as revistas.

Devia jogar as revistas fora, ela pensou. Devia se livrar completamente delas. Mas não podia botar no lixo da cozinha. Mamãe ia acabar vendo e ia querer saber de onde vieram. Mesmo se George colocasse diretamente na lata de reciclagem lá fora, alguém podia acabar reparando nelas. Além do mais, ela não sabia se era capaz de abandonar as amigas das revistas assim. E, mesmo que fosse, não podia parar de querer ser como elas.

Então, ela abraçou as revistas com força contra o peito, depois guardou com cuidado para a próxima vez.

## capítulo VI

# ENCONTRADAS

Mamãe acendeu a luz do quarto de George no dia seguinte de manhã.

— Hora de levantar. Meu despertador não tocou. Você já perdeu o ônibus. Vou levar você e seu irmão para a escola de carro.

Mamãe deixou a porta do quarto de George entreaberta e desceu a escada até a cozinha, falando um monte de xingamentos. George levantou o corpo da cama, vestiu as roupas e desceu a escada.

— Onde está sua mochila? — perguntou mamãe, ajeitando o cabelo com uma das mãos enquanto colocava os sapatos nos pés com a outra.

— Lá em cima — respondeu George, ainda grogue.

— Então vá pegar.

— E o café da manhã?

— Você vai comer no carro. E não se esqueça dos sapatos!

George colocou as coisas na mochila, enfiou os pés nos tênis e desceu a escada.

Mamãe já estava na porta, remexendo na bolsa à procura das chaves.

— Onde está seu irmão?

— Sei lá — disse George. — Ainda deve estar na cama.

— Suba e vá chamá-lo. Diga que ele tem *um* minuto para descer ou vai ficar sem celular por uma semana.

— Posso puxar o cobertor dele?

— Claro.

George subiu a escada mais uma vez, agora se sentindo motivada. Crueldade com o irmão autorizada pela mãe era um presente raro que não devia ser desperdiçado. Mamãe tinha deixado a luz do quarto de Scott acesa, mas ele estava dormindo, roncando. George pegou as duas pontas de baixo do edredom verde grosso e puxou de uma vez só.

— Ei! — resmungou Scott.

— Mamãe disse que eu podia! E disse também que você vai ficar sem celular por uma semana se não descer em um minuto.

— Tá tudo sob controle, embora ela duvide — disse Scott, já de pé. Ele estava usando a calça jeans favorita e uma camiseta preta amassada. — Eu tento maximizar meu descanso pra poder estar nas minhas melhores condições nos estudos, e o que ela faz? Reclama, reclama, reclama. — Ele passou os dedos pelo cabelo ondulado algumas vezes e colocou os pés em botas de cano alto, desamarradas. Depois, pendurou a mochila em um ombro e correu escada abaixo. George foi atrás.

— Você parece ter dormido com essa roupa! — declarou mamãe.

— Eu dormi. — Scott sorriu.

— E não escovou os dentes, né?

— Não. — O sorriso de Scott aumentou.

— Você é nojento — constatou mamãe, com resignação na voz.

— Sou adolescente — respondeu Scott. — O que você espera?

Mamãe entregou uma barra de cereal para cada filho e fez sinal para irem até a garagem.

— Ainda não entendo por que não posso pegar o próximo ônibus — disse Scott enquanto prendia o cinto do banco do passageiro. Scott já estava no ensino médio e ia de ônibus público para a escola, não de ônibus escolar como George.

— Porque o próximo ônibus passa daqui a 45 minutos, e a essa altura você já vai ter perdido o primeiro tempo. — Mamãe deu ré para sair da garagem e da entrada de casa.

— É só aula de inglês. Eu já falo inglês muito bem.

— Você é uma piada, Scott.

Enquanto mamãe dirigia, ficou reclamando que precisava de um despertador novo e que os filhos tinham idade suficiente para se levantarem sozinhos, e ela não comprou um despertador para Scott ano passado no Natal exatamente por esse motivo?

George olhou pela janela do banco de trás e foi contando postes telefônicos. Quando era pequena, seu avô disse que, se ela contasse cem postes telefônicos seguidos, uma fada elétrica concederia um desejo a ela. George não acreditava mais na fada elétrica e às vezes nem sabia o que queria desejar, mas contar postes telefônicos tinha se tornado um hábito reconfortante.

\* \* \*

A sala 205 estava vibrando conforme os alunos foram entrando e pendurando os casacos e mochilas no armário. Um grupo de garotas se reuniu perto do apontador, ao redor de Maddy e Emma, que exibiam novas e idênticas mechas cor-de-rosa que a irmã mais velha de Maddy havia feito no cabelo delas na noite anterior.

A Sra. Udell apontou sutilmente para George e fez sinal com um dedo para ela ir até a mesa dela. A mesa devia estar na mesma sala desde que a

escola foi construída; devia ser mais velha do que a Sra. Udell. A camada brilhante original estava completamente gasta em algumas partes e muito arranhada no resto. Se alguém enfiasse a unha nela com bastante força, conseguia deixar uma marca no verniz encerado.

— Você me surpreendeu ontem, George — disse a Sra. Udell, com os óculos de leitura na cabeça. — Não posso escalar você como Charlotte, claro. Tenho garotas demais que querem o papel.

— Eu sei. — George esperava que a Sra. Udell fosse deixá-la se sentar.

— Mas — continuou a Sra. Udell — você fez um bom trabalho. Você tem paixão e dedicação. Tem certeza de que não quer outro papel? Você poderia ser Wilbur.

*Wilbur, o porco sujo.* George balançou a cabeça. Seria pior do que não participar da peça.

— Ou algum dos outros papéis de menino. Templeton? Sr. Zuckerman? O ganso?

— Não, obrigado.

— Talvez um narrador, então? Os narradores são fundamentais. Eles mantêm a plateia informada.

George balançou a cabeça. Ela não queria estar na peça vendo outra pessoa ser Charlotte.

— Então tudo bem. — A Sra. Udell olhou para George com cautela. — Acho que você pode participar da produção.

A porta da sala se abriu.

— Eu consegui um papel? Consegui? — Kelly entrou perguntando.

O foco da Sra. Udell se voltou para a bolha em ebulição quicando na frente dela.

— Kelly, você vai saber sobre seu papel quando todo mundo souber. No final do dia.

Kelly deu um suspiro exagerado e seguiu para o armário, para se juntar ao grupo de garotas amontoadas ao redor de Maddy e Emma. A Sra. Udell se virou para onde George estava, mas ela já tinha voltado ao seu lugar.

\* \* \*

Como prometido, a Sra. Udell não revelou os personagens dos alunos na peça até os momentos finais de aula, quando distribuiu roteiros para os atores e deu alguns conselhos sobre como decorar as falas.

Kelly seria Charlotte. Quando descobriu, ela pulou quase para longe da cadeira e deu um grito de alegria. Depois, se virou para sorrir para George, que já havia virado a cabeça para olhar para o armário, protegendo os olhos com a mão. Já era bem ruim ela não ser Charlotte. Agora, teria que ouvir Kelly falar sobre isso — e possivelmente nada mais — pelas próximas três semanas.

A Sra. Udell continuou a ler a lista de atores escalados. Chris faria o papel de Templeton. Ele soltou um “Eeeee” longo e ergueu o punho no ar. Maddy, Emma e vários outros alunos fariam os animais do celeiro, e a maioria dos outros que fizeram o teste seriam narradores. Alunos do Sr. Jackson fariam os papéis de Wilbur e Fern. O nome de George não foi citado.

George sabia que não podia esperar que a Sra. Udell chamasse seu nome, mas ainda assim seu coração pareceu murchar. Ela tinha mesmo começado a acreditar que, se as pessoas conseguissem vê-la no palco como Charlotte, talvez fossem ver que ela era uma garota fora dele também.

Quando sua fileira foi chamada, George pegou a mochila e se afastou das outras crianças no armário o mais rapidamente que conseguiu. Ela guardou o livro de matemática e o de texto de ciências.

A sala 205 foi para o pátio para ser dispensada. George não prestou atenção quando a turma parou para se reorganizar. Várias vezes, esbarrou na mochila à frente.

Assim que a turma foi liberada, Kelly saiu correndo da fila das meninas e foi até George.

— Por que você não está na peça? — perguntou ela. — A Sra. Udell disse que todo mundo que fizesse o teste teria um papel. E eu tinha certeza de que a Sra. Udell ia botar você como Wilbur. Você ensaiou tão bem no fim de semana. Os ensaios vão ser muito chatos sem você.

Outra voz se meteu:

— É, George, por que você não está na peça?

George se encolheu ao reconhecer a voz de Rick atrás de si. Jeff quase nunca falava diretamente com ela, a não ser que tivesse alguma coisa muito cruel a dizer, mas George não ficou surpreso de ver os dois quando se virou.

— Semana passada, você estava todo choroso por causa da pobre aranha — continuou Rick. — E nós vimos você sair e fazer o teste. Deve ter ido muito mal para o Chris pegar o papel.

— Aposto que ele leu as falas da aranha idiota por engano! — Jeff deu uma risadinha. — Ele é uma garotinha esquisita mesmo.

Jeff deu uma gargalhada, e Rick riu junto com ele.

— Não liga pra eles. — Kelly puxou o cotovelo da camisa da melhor amiga, mas George ficou paralisada no lugar. Os pelos dos braços estavam eretos e a nuca formigava.

— Ou talvez ele tenha lido de trás para a frente — continuou Rick.

— *Cnio! Cnio!* — Jeff soltou um som terrível, tentando fazer um *oinc* de trás para a frente.

Rick se juntou a ele, e ambos saíram rindo pelo pátio na direção do portão, onde os pais estavam em seus carros formando uma fila pelo quarteirão.

George só expirou quando Rick e Jeff passaram pelo portão. Eles não sabiam seu segredo, senão teriam espalhado rapidamente, mas os palpites chegaram tão perto da verdade que as bochechas de George ficaram vermelhas de vergonha. Ela relaxou as mãos, que estavam apertadas, mas os dentes ainda estavam trincados.

— Eles são uns idiotas — disse Kelly. — Você não é garota.

— E se eu for? — George levou um susto com as próprias palavras.

Kelly recuou com surpresa.

— O quê? Isso é ridículo. Você é menino. Quer dizer — ela apontou vagamente para baixo no corpo de George —, você tem um *you know what*, né?

— Tenho, mas... — George parou de falar e olhou para o chão. Chutou uma pedrinha, que quicou até um tufo de grama. Ela não se sentia menino.

Elas ficaram juntas em um silêncio profundo. Kelly franziu a testa, pensativa. Depois de alguns momentos, falou:

— Sabe, eu já pensei se era menino uma vez. Quando queria ser bombeira e achava que todos os bombeiros eram meninos. É assim?

— Acho que não, Kelly.

As filas na frente dos ônibus tinham praticamente desaparecido e os motoristas só estavam esperando a liberação final para partirem. Eles tinham começado a ligar os motores e o ar se encheu do ronco pesado e da fumaça de escapamento de diesel.

De repente, George teve um pensamento assustador e segurou o braço de Kelly acima do cotovelo.

— Não conta pra ninguém.

— Não vou contar.

George continuou apertando o braço de Kelly, de forma desconfortável.

— Nem pro seu pai.

— Nem pro meu pai.

Eles correram cada um para o seu ônibus, com as solas dos tênis estalando no asfalto, gritando “Um, dois, três!” e “Zut!” enquanto corriam.

\* \* \*

O ônibus escolar deixou George na esquina e foi embora, com o motor lutando para pegar velocidade. George andou o meio quarteirão até sua casa e foi fazendo seu caminho. Procurou a chave de casa e equilibrou a mochila no joelho enquanto girava-a para a direita, mas a porta já estava destrancada e se abriu com facilidade. Mamãe estava sentada no sofá.

— Você está em casa! — disse George.

— O que é isto? — perguntou mamãe.

A expressão dela não demonstrava nada. A bolsa de brim de George foi levantada lentamente no ar, pendurada em um dedo dobrado. O zíper estava aberto.

O coração de George disparou e, por um momento, ela achou que explodiria ali mesmo. Ela respirou fundo.

— Eu estava me sentindo meio mal hoje e vim para casa arrumar umas coisas — disse mamãe. — Seu armário estava uma bagunça... e eu encontrei isto. Você roubou?

— Não! — O rosto de George ficou quente. — Eu... eu peguei.

— Não minta para mim. Onde você pegou? — Mamãe segurou o exemplar da *Seventeen* de outubro, com as gêmeas sorridentes na capa, alheias ao aperto forte dela.

— Eu encontrei em lugares diferentes.

Mamãe olhou para George com as sobrancelhas grossas e pesadas. Ela se levantou com um suspiro profundo.

— George, não quero encontrar você usando minhas roupas. Nem meus sapatos. Esse tipo de coisa era fofo quando você tinha 3 anos, só que você

não tem mais 3 anos. Na verdade, não quero ver você no meu quarto hora nenhuma.

— Mas eu não... — começou George, mas a mãe ignorou a filha.

Mamãe entrou no quarto ainda segurando a bolsa jeans. George ficou na porta de entrada com a boca ligeiramente aberta.

Ela não conseguia acreditar que tinha perdido suas amigas.

## capítulo VII

# O TEMPO SE ARRASTA QUANDO VOCÊ ESTÁ INFELIZ

Os dias passaram para George em uma névoa de infelicidade. Ela se arrastou pela rotina diária. Arrastava-se da cama de manhã e até o banheiro. Arrastava-se escada abaixo e arrastava a colher de cereal até a boca. Arrastava-se até o ponto de ônibus, ao longo do dia e de volta para casa.

Kelly não ligou nenhuma vez naquela semana, e George não ligou para ela. Elas nem almoçaram juntas. Kelly comeu com os outros atores principais e conversou sobre a peça. Quando a melhor amiga olhava para George, dava um sorriso estranho e forçado. George almoçou sozinha naquela semana.

Na quinta, ela se sentou sem olhar e percebeu que estava bem na frente de Jeff e Rick. Passou o almoço inteiro olhando para a bandeja e ouvindo os dois rirem da Sra. Fields, dos alunos do jardim de infância e, claro, de George.

Em casa, mamãe não disse nada sobre a bolsa de George e nem sobre mais nada. Ela passava o dia com uma expressão dura no rosto e

movimentos rígidos. George tentou evitar estar no mesmo espaço que ela. Jantava o mais rapidamente que conseguia, via apenas seus programas favoritos na TV e passava o máximo de tempo possível no quarto. E não conseguia parar de pensar nas revistas.

Na manhã de sábado, quando houve um forte *toc toc* na porta do quarto, George esperava mamãe. Mas ficou surpresa de ver o irmão segurando dois volantes de videogame.

— Quer jogar *Mario Kart*?

Scott não perguntava se George queria jogar videogame havia meses. Eles jogavam quase todos os dias. George voltava da escola e encontrava Scott no sofá, vendo lutas e ignorando o dever de casa. Eles jogavam até mamãe chegar em casa e gritar para que desligassem a TV e fizessem o dever de casa. Agora, Scott costumava chegar em casa só na hora do jantar, às vezes até depois.

— Por quê? — perguntou George, ainda afundada na névoa de tristeza.

— Se mamãe me pegar no sofá jogando videogame, vai me mandar fazer um monte de coisas. Mas, se eu estiver jogando com meu *irmão menor* — Scott bagunçou o cabelo já desgrenhado de George —, ela vai achar que é uma união fraternal ou alguma coisa assim e talvez nos deixe jogar um pouco mais.

A motivação de Scott parecia egoísta o bastante para ser genuína, então George se juntou a ele na sala e se sentou no lado direito do sofá. Eles escolheram seus carros e motoristas. Scott escolheu Bowser, o arquivilão réptil da série de jogos da Nintendo. Ele adorava poder destruir os personagens menores e jogá-los longe. George escolheu Toad. Ela adorava os sons alegres que o pequeno cogumelo fazia. Quando estava sozinha, ela às vezes jogava como a princesa, mas não ousava escolhê-la na frente de Scott.

Uma criatura desceu flutuando do céu com uma bandeira quadriculada na mão. Depois de uma curta contagem regressiva, a corrida começou. Os personagens lutaram pela liderança, jogando obstáculos longe e correndo um pelo outro enquanto invencíveis. Scott e George seguiram pela pista de corrida.

Quando a volta final foi anunciada, eles estavam em primeiro e segundo lugar. Os jogadores do computador estavam quase meia volta atrás. Ao entrarem na reta final, George jogou um casco vermelho no vazio à frente. O casco quicou até bater em Scott e jogá-lo no ar. Na tela, Bowser levantou os punhos com raiva e voltou lentamente para a pista. Ele era uma fera pesada e demorou bastante tempo para retomar velocidade. Toad passou em disparada e assumiu a liderança. A linha de chegada estava perto, e George a atravessou momentos antes de Scott a alcançar.

Scott rugiu como um dinossauro e sacudiu o volante no ar. George riu.

— Sabe — disse Scott —, é a primeira vez que ouço você rir em uma semana.

— É — disse George.

— Problemas com garotas? — perguntou Scott, com os olhos grudados na tela da televisão enquanto a criatura das nuvens anunciava o começo da corrida seguinte.

— Não — respondeu George. Ela sabia que não era verdade. Ser uma garota em segredo era um problema gigantesco.

— E Kelly?

— Eu já falei — disse George por entre dentes —, ela *não* é minha namorada. — Ela mordeu o lábio enquanto fazia uma curva fechada.

— Eu não vi você ligar pra ela a semana toda.

— Deixa isso pra lá.

— Vocês brigaram?

— NÃO! — O volante estava úmido nas palmas grudentas das mãos de George.

Scott riu antes de derrubar um carro em uma poça de lava.

— O que é tão engraçado?

— Parece mesmo que vocês andaram brigando.

— Cala a boca, Scott.

— Tanto faz. Ela não é *minha* namorada.

— CALA A BOCA! — George se virou para o irmão e virou o volante junto. Toad desceu um barranco gritando, e a metade de baixo da tela caiu em um buraco escuro e profundo. — Viu o que você me fez fazer?

Na última volta, Scott estava na primeira posição. George conseguiu ser a quinta quando atravessou a linha de chegada, mas ainda assim ficou em terceiro lugar no ranking geral.

Eles jogaram a terceira rodada em um silêncio mortal, correndo pela volta final de forma tão competitiva como se estivessem nas 500 milhas de Indianápolis. Estavam brigando pelo primeiro e segundo lugar quando Mario apareceu. Ele brilhou com invencibilidade e passou pelo carro de Scott e de George, jogando-os longe no ar para depois caírem imóveis na pista. Os irmãos se arrastaram até a linha de chegada, vaiaram a música de derrota que tocou na televisão e prometeram juntos acabar com o Mario na quarta e na quinta rodadas da partida.

Scott bateu em Mario com sua força enorme, e George usou seus cogumelos velozes para passar por ele em velocidade máxima. Eles passaram rindo pela linha de chegada. Chegaram em quarto e sexto lugares, satisfeitos de Mario ter sido o último.

Scott e George jogaram outro jogo de *Mario Kart*, depois outro, até Scott insistir em trocar para um jogo de tiros. Ele prometeu a George que era divertido e que ela ia gostar. Ela não gostou e, depois de alguns minutos, deixou Scott matando tudo que aparecia pela frente.

## capítulo VIII

# IMBECIL

O pátio da escola se encheu de crianças na segunda de manhã. Garotos mais novos brincavam de chutar pedras e corriam para todo o lado como loucos enquanto os mais velhos se reuniam em torno de aparelhos eletrônicos que ficavam escondidos no fundo das mochilas durante o dia na escola. George estava encostada na cerca de arame, vendo algumas garotas da turma pularem corda. Ela sabia as rimas que elas cantavam, mas ninguém a convidava para participar. Garotos não brincavam de pular corda.

— Oi — falou uma vozinha atrás de George.

Era Kelly. Ela estava usando uma blusa azul surrada com uma baleia sorridente que dizia *DIVERSÃO DO TAMANHO DE UMA BALEIA*.

— Me desculpa por ter ficado com o papel de Charlotte. — Ela virou a ponta do tênis no chão de asfalto.

George deu de ombros.

— Você está com raiva de mim? — perguntou Kelly.

— Não.

— Que bom.

Kelly respirou fundo.

— E desculpa ter te ignorado na semana passada. — Ela coçou o pescoço. — Quer saber? Se você acha que é menina...

George se preparou para as palavras seguintes de Kelly.

— Então eu também acho que você é menina!

Kelly pulou na melhor amiga e deu um abraço tão grande que as duas quase caíram. A surpresa boquiaberta e a alegria no rosto de George só fizeram Kelly sorrir ainda mais.

— Então você é transgênero, alguma coisa assim? — sussurrou Kelly da melhor maneira que conseguiu em meio à empolgação. — Eu estava lendo na internet, tem um monte de gente como você. Sabia que você pode tomar hormônios pro seu corpo, sabe, não ficar todo masculino?

— É, eu sei. — George lia sites sobre o processo de transição desde que Scott ensinou a ela como limpar o histórico do navegador no computador da mamãe. — Mas é preciso ter a permissão dos pais.

— Sua mãe é bem legal — disse Kelly, com as sobrancelhas levantadas. — Pode ser que ela concorde.

George balançou a cabeça e olhou para baixo, na direção dos cadarços. Mesmo sem fechar os olhos, ela conseguia ver a bolsa de brim pendurada no dedo comprido da mãe, balançando de leve. As palavras *não é mais fofo* ecoavam na mente dela. Ela contou para Kelly sobre a bolsa com revistas de meninas e sobre mamãe ter encontrado.

— Mas isso não é justo! — Kelly ficou indignada. — Você não roubou! Que direito ela tem de tirar de você?

— Às vezes, as pessoas *transgênero* não têm direitos. — George tinha lido na internet sobre casos de pessoas transgênero que foram tratadas injustamente.

— Que horrível.

— Pois é.

Depois de um silêncio constrangedor, Kelly mostrou a George umas fotos que tirou naquele fim de semana, no parque. Muitas eram closes de folhas, e algumas eram impressionantes. O jeito como a luz batia em partes diferentes das folhas fazia com que parecessem tridimensionais.

Kelly tirou a câmera do bolso. Em seguida, começou a dar instruções enquanto andava ao redor de George, clicando.

— Mais sorridente, como se você tivesse acabado de ganhar um presente. Agora faça cara de surpresa, na hora de abrir o presente. E de alegria, como se tivesse ganhado o que você sempre quis.

George franziu a testa.

— Você pode tirar fotos da cara que eu estou fazendo em vez de me dizer que cara eu devo fazer?

— Só estou tentando dar uns toques artísticos. Deixa pra lá. — Ela guardou a câmera no bolso e se juntou a um grupo de garotas jogando amarelinha. George se encostou de novo na cerca e olhou para o céu nublado.

Quando o sinal tocou, o pátio se organizou em filas de meninas e meninos para cada turma. Ao chegarem na sala de aula, George se sentou e começou a fazer o trabalho escrito no quadro. O exercício pedia que ela encontrasse o máximo possível de palavras a partir da palavra *MACHUCADO*. George olhou para as três palavras em sua folha de papel: *DOCA*, *DUCHA* e *MACA*. Ela se recusava a escrever *MACHO*, apesar de a palavra ficar pulando na cara dela, bloqueando sua visão para as demais. George ainda estava com as mesmas três palavras no papel quando a Sra. Udell começou a dar seus avisos.

— Como vocês bem sabem, nossa peça se aproxima com rapidez. É hora de acelerar. Vamos limitar nossas atividades acadêmicas tradicionais ao horário da manhã. — A Sra. Udell ignorou os olhares de incompreensão

que recebeu da turma. — O tempo depois da refeição do meio-dia vai ser totalmente dedicado a atividades teatrais.

— Acho que ela quer dizer que não vai ter mais aula depois do almoço!  
— gritou Chris.

— De jeito nenhum! — A Sra. Udell sustentou um olhar austero antes de abrir um sorriso. — Mas quero dizer que só vamos ficar na sala de aula até a hora do almoço. O auditório tem acústica, e quero que o elenco se acostume um pouco com a experiência apropriada de projeção de voz. Além do mais, a equipe de produção precisa montar nosso cenário.

A turma comemorou, algumas pessoas por causa da peça, mas a maioria porque teria menos trabalho em sala. Kelly foi quem comemorou mais alto, mas George ficou em silêncio. Ela não queria *acelerar*. Não queria pensar mais em Charlotte. Queria que a peça acabasse e ficasse para trás. Para ela, a única parte boa do plano da Sra. Udell era que a turma não teria mais aula de educação física à tarde.

A Sra. Udell silenciou os alunos e prosseguiu:

— Isso *não* quer dizer que não vamos estudar muito de manhã. Na verdade, vamos precisar ser duplamente eficientes. E tenho certeza de que não preciso lembrar a vocês — a Sra. Udell olhou para Jeff, Rick e depois para Kelly — que os alunos que não conseguirem se manter concentrados nos estudos durante a manhã vão ser mandados para outra turma à tarde para terminá-los, além de receberem trabalhos escritos extras.

A manhã passou em uma sequência de vocabulário, frações e leitura. Nenhuma palavra sobre a peça foi dita até o almoço, quando a longa mesa do refeitório explodiu em pura empolgação. Kelly disse que sabia tudo sobre projeção de voz e que ficaria feliz em ajudar qualquer pessoa que precisasse de orientação. Ninguém aceitou a proposta.

Quando o sinal tocou o fim do almoço, a Sra. Udell encontrou a turma no pátio em vez de no andar de cima, como costumava acontecer. O Sr.

Jackson estava ao lado dela. A Sra. Udell levou o elenco para o auditório para ensaiar no palco, deixando o restante do quarto ano no pátio da escola com o Sr. Jackson para formar a equipe de produção.

O Sr. Jackson era um homem negro e alto com a cabeça quase toda careca e um bigode grosso. Ele chamou seu grupo para se sentar em um círculo debaixo da cesta enferrujada de basquete. Seis latas de tinta, um saco com pincéis, alguns baldes, um monte de papelão e várias lonas grandes aguardavam empilhados embaixo do aro torto.

— Ótimo. Já juntamos nossos figurinos, adereços e música — disse o Sr. Jackson. — Agora está na hora de criar o pano de fundo para os nossos atores, de dar vida à literatura! Lembrem-se: o sangue vital de uma peça é sua equipe de produção. Se os atores são como Wilbur, a estrela da feira, então nós somos como Charlotte, os heróis invisíveis que o levaram até lá. Agora, vamos ajudar nossas estrelas a *MONTAR UMA APRESENTAÇÃO*.

Antes que a equipe pudesse começar a pintar, o Sr. Jackson disse que eles precisavam desenvolver um plano de ação. O grupo debateu então onde desenhar fardos de feno, o bebedouro do porco e o ninho de Templeton, e se eles precisavam pintar a cozinha dos Arable e tudo. Mas todo mundo concordou que um canto escuro no alto, à direita, seria perfeito para Charlotte e suas teias. O Sr. Jackson arrumaria uma escada para ser colocada atrás do pano de fundo, onde Charlotte apareceria de cima.

George ficou em silêncio até a hora de escolherem as pessoas para ajudar no palco, e aí sua mão foi a primeira a ser levantada. Se não podia ser Charlotte, ela podia ao menos entregar para Kelly os cartões com as palavras pintadas com teias nelas. Ela também seguraria a escada enquanto Kelly estivesse atuando no alto. George seria a Charlotte de Charlotte, profundamente escondida na escuridão.

Duas garotas e um garoto da turma do Sr. Jackson ficariam responsáveis por carregar o cenário para dentro e fora do palco. Rick se ofereceu para

levantar a cortina. Jeff não se candidatou a nenhum trabalho. Ele disse que preferia comer uma aranha a ter que voltar para a escola à noite. Os ajudantes de palco receberam recomendações para se vestirem todos de preto no dia da apresentação, para não chamarem atenção durante a peça.

Finalmente, chegou a hora de começar a trabalhar para pintar o pano de fundo da peça. A equipe espalhou uma grossa lona pelo pátio de asfalto rachado. O tecido estava coberto de bolas e trilhas amarelas, azuis, laranja e vermelhas. Grudada, a lona estalou quando os alunos a abriram. O Sr. Jackson distribuiu aventais feitos de camisas de botão masculinas grandes. Jeff se recusou a usar um, dizendo que parecia muito um vestido. Quatro alunos abriram um pedaço de tecido branco para colocar em cima da lona. Era feito de dois lençóis costurados juntos e seria o pano de fundo.

Cada pessoa da equipe recebeu uma tarefa. A de George era pintar o bebedouro do porco. Ela fez uma base de tinta marrom e, quando as beiradas secassem um pouco, faria o contorno e acrescentaria detalhes pretos. Enquanto esperava, ela mergulhou o pincel em um copo com água imunda. Mexeu o objeto e ficou olhando a água amarronzada girar, revelando traços verdes. Quando estava passando o pincel em um canto da lona para secar as cerdas, ela ouviu Jeff e Rick conversando.

— Por que você quer abrir a cortina? — perguntou Jeff, com a voz cheia de desdém.

— Sei lá — disse Rick. — Eu só achei que poderia ser divertido.

— Acho que seria mais divertido fechar a cortina no meio da peça! — Jeff riu.

Rick deu uma gargalhada seca.

— Ah, claro.

— Para com isso, Rick! Qual é a sua? Até parece que você liga pra essa peça idiota. Olha só pra você, preocupado com quantos fios amarram um troço de feno.

— O nome é fardo, e o Sr. Jackson disse que o fio se chama barbante.

— E daí? — debochou Jeff. — Deixa de ser puxa-saco.

— Não sou puxa-saco! — gritou Rick, e balançou o pincel na direção de Jeff. Uma linha de sol amarelo manchou o lençol branco de algodão. — Olha só o que você me fez fazer. — Rick procurou um pedaço de pano e tentou limpar a tinta.

— Tô nem aí.

Apesar de George não conseguir vê-lo, ela sabia que ele estava revirando os olhos.

— E que importância tem isso tudo? Ela é só uma aranha idiota. Sabe o que eu faria se encontrasse uma aranha falante?

Jeff esperou que Rick respondesse, mas Rick estava concentrado nas pinceladas. O pincel largo de Jeff estava em uma poça amarela na lona, abaixo de um fardo de feno parcialmente pintado.

— Eu pisaria nela. Esmagaria embaixo do pé porque ela é uma aberração. Aranha bizarra. Aranha burra e bizarra. — Jeff começou a cantarolar uma melodia indefinida. — *Aranha burra e bizarra. Vou pisar em você porque você merece, sua aranha burra e bizaaaaarra. Que bom que você morreeeeeeeu.*

O rosto de George ficou quente. Jeff não tinha direito de falar sobre Charlotte assim. Ele sempre estava dizendo alguma coisa malvada. Charlotte não toleraria, e nem George.

Ela pegou um pedaço de papel em branco, um pote de tinta preta e um pincel fino. Botou o papel no chão e começou a trabalhar. Quando terminou, ficou bem satisfeita com sua criação. Charlotte não era a única que podia se expressar usando uma palavra bem-feita.

George levantou o papel com cuidado e segurou na lateral do corpo com o polegar e o indicador. Ela estava tão preocupada se a tinta já estava seca ou se o papel ficaria manchado por encostar em sua perna que mal pensou

no que estava fazendo e com quem estava fazendo. Enquanto isso, seus pés a levaram com determinação e rapidez na direção do alvo.

Jeff estava deitado de barriga para baixo no asfalto. Ele fez um céu azul no alto da lona, deixando poças de tinta enquanto trabalhava. Rick estava agachado ali perto, pintando uma linha preta ao redor de um fardo de feno.

Quando George passou por Jeff, deixou o papel cair. Foi um lançamento preciso que pousou perfeitamente nas costas dele, bem no meio da camiseta branca.

— Ei, qual foi? — Jeff virou a cabeça.

— Desculpa — disse George. Ela tirou o papel das costas dele e abriu um enorme sorriso.

— Que palhaçada — disse Jeff com deboche, e voltou ao céu azul.

Ele não fazia ideia de que a palavra *IMBECIL* brilhava com tinta preta na camiseta, desenhada dentro de uma teia simples. Jeff era *IMBECIL*, e agora todo mundo saberia.

George mordeu a língua para não rir alto. Deu certo! O *B* ficou invertido, mas a palavra estava clara. George amassou o papel e jogou na lata de lixo grande.

Só quando George se sentou novamente foi que ficou paralisada. Toda a cor sumiu do rosto dela, e a língua pareceu inchar. Jeff logo perceberia o que tinha acontecido e saberia quem fez. Ela estava morta. M-O-R-T-A. Mortinha.

George olhou para Jeff com nervosismo até o Sr. Jackson anunciar que era hora de arrumar as coisas. Sem arrumar nada, Jeff foi até a cerca, e Rick foi atrás. De repente, houve um grito sufocado de Rick, e um berro de Jeff. Jeff virou a camiseta.

— Mas que...? — Ele parou de falar quando percebeu o olhar do Sr. Jackson, mas seus olhos brilhavam de fúria.

Ele esfregou a camiseta o máximo que conseguiu, mas era tarde demais; a tinta já estava seca. Jeff desistiu e virou a camiseta do avesso, com a etiqueta levantada apontando para o cabelo.

George conseguia sentir o cheiro do próprio suor. Seu pescoço ficou quente, depois gelado e molhado, depois quente de novo. Seu corpo queria correr. De repente, Jeff apareceu bem na frente dela. Rick estava logo atrás.

— Ei, Rick. Parece que alguém finalmente está começando a mostrar que tem bolas. — Jeff bateu com o punho direito na palma esquerda.

George olhou para os próprios pés e torceu para que nenhum dos garotos reparasse no rubor que surgiu em suas bochechas. Não havia nada que George temesse mais do que quando garotos falavam sobre o que havia dentro da cueca dela. Suas bochechas ficaram tão quentes que ela se sentiu como se fosse de metal. Ela desejou *ser* de metal, com olhos de laser que pudessem partir Jeff no meio.

Mas ela não era feita de metal, e seus olhos eram tão inofensivos quanto o resto dela. Jeff era mais alto e também mais corpulento. O dedo mindinho de Jeff era do tamanho do indicador de George, e Jeff ficava batendo com o punho na outra mão. Rick foi para trás de George. Ele não era tão alto quanto Jeff, mas era mais alto do que George, e também mais forte.

Colocando uma mão em cada ombro dela, Rick a segurou no lugar com facilidade. George sentiu um nó se formando no estômago. Olhou para o Sr. Jackson, que estava cercado de alunos e materiais de arte.

— Você se acha engraçado, né, sua aberração? Acha que pode se meter comigo? Você é tão anormal. É anormal mesmo. Anormal. Anormal. — Jeff deu um peteleco na testa de George a cada *anormal*. As palavras entraram debaixo da pele dela e se aninharam nos espaços profundos dos ossos.

Sem aviso, Jeff puxou o braço e bateu com o punho na barriga de George. Ela cambaleou alguns passos até a cerca de arame, se inclinou para a frente e envolveu a cintura com os braços, ofegando para respirar.

O corpo de George entrou em espasmo. Ela engasgou uma vez. Engasgou duas. Abriu bem a boca, e o vômito voou em um arco que começou nos pés de Jeff e respingou até o rosto dele. Em seguida, ela caiu no chão.

— Eca! — gritou Jeff, limpando o rosto e olhando para as mãos, horrorizado. — Ecaaaaa!!!

Rick riu.

— Cala a boca! — gritou Jeff, arrancando a camisa que já estava usando do lado avesso sinalizando que ele era um IMBECIL. Jeff limpou o rosto e cuspiu furiosamente. Estava fedendo a vômito ácido que escorria pela calça. Pedacos de hambúrguer e milho encharcavam seus sapatos. Ele pulou para longe, horrorizado, mas não conseguia fugir do fedor.

O Sr. Jackson correu até a cena.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou ele. — George, você está bem?

Jeff estava sem camisa, imundo, cuspiendo sem parar. George estava paralisada no chão, com as mãos na barriga e lágrimas nos olhos. Um grupo de crianças se reuniu em torno deles.

— Aquele garoto deu um soco naquele outro garoto — disse um aluno da turma do Sr. Jackson, apontando para Jeff. — E aí, *aquele* garoto — seu dedo se virou para George — fez BLERRRRGH e vomitou, e o vômito foi todo pra cima daquele garoto. — Seu dedo apontou novamente para Jeff.

— Muito obrigado pelos detalhes, Isaiah. Agora faça o favor de entrar na fila. — O Sr. Jackson falou com os alunos do quarto ano. — Na verdade, vocês todos vão para a fila. Jeff, quero você na frente comigo. George, você também.

O Sr. Jackson ajudou George a se levantar. A barriga dela estava doendo e sua boca parecia em carne viva. A palavra *anormal* ecoava nos seus ouvidos. Ela seguiu o professor e Jeff, que ainda estava sem camisa, para a

escola. O mundo exterior parecia distante, e ela não conseguia entender os sussurros dos alunos do quarto ano atrás dela.

No caminho, o Sr. Jackson parou na secretaria para pegar uma camiseta da escola para Jeff. A secretária, uma moça chamada Sra. Davis, foi buscar. Seu rosto era pequeno e o nariz menor ainda; o cabelo preto escuro estava ficando grisalho nas têmporas.

— Esse vômito fede — reclamou Jeff. — Tenho que me limpar primeiro.

A Sra. Davis suspirou.

— Eu levo, Sr. Jackson. — Ela se virou para Jeff e George. — Mas vou ficar com vocês. Não quero saber de gracinhas.

George, Jeff e a Sra. Davis foram ao banheiro dos meninos juntos. George ficou junto à lata de lixo perto da porta.

— Você não quer se lavar também? — perguntou a secretária.

George balançou a cabeça. Sua boca ainda estava com gosto de vômito.

— Você que sabe.

Jeff colocou a cabeça embaixo da torneira para lavar o cabelo e fez um bolo de papel-toalha para limpar o tronco. Colocou a camiseta na pia e passou água nela, mas a Sra. Davis o mandou ir logo. Jeff resmungou, torceu a camiseta e vestiu a nova que ela deu para ele.

A Sra. Davis levou os dois alunos até a entrada da sala 205. A Sra. Udell e a Sra. Davis sussurraram na porta por alguns momentos. Em seguida, a Sra. Davis entrou na sala, e a Sra. Udell foi para o corredor.

— O Sr. Jackson falou comigo sobre o incidente no pátio — disse ela, com a voz gelada. — Jeffrey, você pode me explicar por que deu um soco na barriga de George?

— Ele estragou minha camiseta! — gritou Jeff.

— *Sr. Forrester* — disse a Sra. Udell, se dirigindo a Jeff pelo sobrenome. — Agradeço se você não gritar no corredor. Além do mais, não

existe justificativa para violência no ambiente escolar, e nem em nenhum outro lugar, na verdade. Muito menos por causa de uma camiseta. O Sr. Jackson está fazendo um relatório do incidente. Quando ele acabar, a Sra. Davis vai acompanhar vocês dois até a secretaria, para onde seus pais já foram chamados para buscar vocês.

George e Jeff esperaram no corredor com a Sra. Davis, Jeff lançando olhares malignos para George o tempo todo. George ficou olhando para o chão. Quando o relatório do incidente estava pronto, os três foram para a secretaria. George se sentou no banco ao lado do velho relógio dos professores, com as pernas balançando, sem tocar no chão. Jeff se sentou em uma cadeira dobrável ao lado da Sra. Davis, virado para a janela, chutando a mesa até a Sra. Davis o mandar parar. Ele interrompia o movimento por um minuto e voltava a chutar, devagar no começo, até a Sra. Davis gritar com ele de novo.

A mãe de George entrou na secretaria e passou direto, sem nem reparar nela. A Sra. Davis a mandou ir para a sala da diretora Maldonado e aconselhou George a ir atrás.

George nunca tinha entrado na sala da diretora e ficou surpresa com o quanto era colorida. Cortinas laranja emolduravam as janelas que iam quase até o teto, e pilhas de livros estavam espalhadas por toda a sala. A diretora Maldonado estava sentada a uma mesa grande no meio da sala e convidou mamãe e George a se sentarem em frente a ela, em duas poltronas amarronzadas. A diretora tinha cabelo grisalho curto e usava um colar azul-turquesa por cima de uma blusa preta de gola alta. Ela era uma mulher gorda, cujos ombros largos enchiam a cadeira com uma autoconfiança plena.

— Agora, Sra. Mitchell, George estragou um pertence de um aluno, o que é uma séria transgressão. No entanto, considerando a natureza do

incidente, assim como a ausência de incidentes anteriores da parte de George, eu gostaria de resolver isso da forma mais simples possível.

Enquanto a diretora falava, George olhava para a parede atrás dela. Havia listas e mais listas de números de telefones e endereços de e-mail grudadas na parte de baixo, intercaladas com anotações manuscritas presas diretamente na parede com tachinhas. Havia também dezenas de cartazes pendurados em cima, recomendando que as crianças comessem direito, não usassem drogas, fizessem o dever e não praticassem bullying. Um cartaz no canto mostrava uma bandeira grande de arco-íris em fundo preto. Embaixo da bandeira, o cartaz dizia: APOIE A EXISTÊNCIA DE ESPAÇOS SEGUROS PARA JOVENS GAYS, LÉSBICAS, BISEXUAIS E TRANSGÊNERO.

Ler a palavra *transgênero* gerou um arrepio na espinha de George. Ela se perguntou se conseguiria encontrar um espaço seguro assim e se haveria outras garotas como ela lá. Talvez elas pudessem conversar sobre maquiagem. Talvez pudessem até passar um pouco.

George continuou olhando para o cartaz, pensando em encontrar outras como ela, enquanto mamãe e a diretora conversavam. A diretora Maldonado perguntou sobre mudanças recentes na vida em casa, mas não houve nenhuma desde que papai foi embora há três anos. Finalmente, a diretora disse:

— Por que você não leva George para casa por hoje e dá um tempo para ele esfriar, e nós deixamos por isso mesmo?

Mamãe agradeceu à diretora Maldonado, que voltou a atenção para George.

— Se eu fosse você, não tornaria um hábito incomodar Jeff. Alguns garotos gostam de confusão e fazem o que podem para arrumar uma. E, se você voltar para esta sala, prometo que não vou ser tão leniente.

George torcia para nunca descobrir o significado daquela palavra.

## capítulo IX

# JANTAR NO ARNIE

Mamãe não disse nada no carro sobre a briga. Só ligou o rádio em uma estação que prometia *r-r-r-rock moderno vintage* e cantou acompanhando os refrãos. Quando eles chegaram em casa, mamãe sugeriu que George fosse se lavar.

No banheiro, George penteou o cabelo para a frente. Se apertasse os olhos para o espelho, quase parecia uma garota. Por enquanto, pelo menos. Hoje sua pele estava lisa, mas algum dia a testosterona faria crescer uma barba horrível por toda a cara dela. Scott já estava começando a ter tufo esquisitos embaixo do queixo.

Ela penteou o cabelo de volta no estilo de sempre e foi para o quarto se deitar. Alguns minutos depois, houve uma batida leve na porta.

— Posso entrar? — perguntou a mãe.

— Pode. — George se sentou, e mamãe se acomodou no pé da cama.

— George, vou ser sincera. Estou preocupada com você. Tem muitos garotos como Jeff por aí, e muitos que são piores. — Mamãe soprou a franja. — Quero dizer, ser gay é uma coisa. As crianças estão saindo do

armário bem mais cedo do que quando eu tinha sua idade. Não vai ser fácil, mas nós vamos lidar com isso. Mas ser esse tipo de gay? — Mamãe balançou a cabeça. — É uma coisa bem diferente.

— Eu não sou nenhum tipo de gay.

Pelo menos, George não achava que era gay. Ela não sabia de quem gostava, na verdade, se de meninos ou de meninas.

— Então por que encontrei todas aquelas revistas de menina no seu armário? — Mamãe levantou a sobrancelha, e uma ruga curva se formou na testa dela.

George inspirou fundo, prendeu o ar e soltou. Depois, de novo.

— Porque eu sou menina.

O rosto de mamãe relaxou e ela deu uma gargalhada curta.

— É isso, então? Ah, Gee, eu estava lá quando você nasceu. Troquei suas fraldas, e juro que você é cem por cento menino. Além do mais, você só tem 10 anos. Não sabe como vai se sentir em alguns anos.

O coração de George pareceu murchar. Ela não podia esperar que os anos passassem. Ela mal podia esperar mais um minuto.

— Vou te dizer uma coisa — disse mamãe, dando um tapinha no joelho de George. — Que tal a gente fazer uma coisa especial hoje? Vamos jantar no Arnie. — O Bufê do Arnie era o restaurante favorito de George. — Você vai se sentir melhor quando estiver comendo nachos e pizza e torta como uma criança normal. Agora, só relaxe um pouco. É o que eu vou fazer.

George sabia que a mãe estava tentando fazer com que ela se sentisse melhor, mas não deu certo. Nada — e certamente não um jantar de bufê — poderia ajudar no fato de que mamãe não enxergava quem ela era.

Mamãe levou o laptop para o quarto e só saiu para encher o copo de água com gás. Mais uma vez, George queria ter as revistas para olhar. Mas só ficou vendo desenhos no sofá até o horário da aula acabar, às três. Ela sabia que Kelly demorava uns vinte minutos para chegar em casa de ônibus,

e o telefone fixo tocou precisamente às 15:22. George atendeu no aparelho sem fio e foi para o quarto.

— O que aconteceu com você? — perguntou Kelly, sem se dar ao trabalho de dizer oi. — Todo mundo está dizendo que você puxou briga com Jeff. Eu disse que era impossível você fazer isso porque você nunca brigou na vida e que Jeff que deve ter começado tudo. Sério, quem poderia puxar briga, você ou Jeff? O que ele fez pra você? Você está bem? Você não foi parar no hospital nem nada, mas, cara, tão dizendo que ele acertou você com tudo. E você vomitou mesmo nele? Porque, sinceramente, essa deve ter sido a coisa mais engraçada que eu já ouvi na vida.

Kelly falou tão alto que George conseguiu sentir o telefone vibrar. Ela segurou o aparelho a alguns centímetros do ouvido e esperou Kelly terminar.

— Você está aí? — perguntou a amiga.

— Aham.

— Aham o quê? Aham, você está aí? Aham, você vomitou em Jeff? Ou aham, você puxou a briga?

— As três coisas.

— Caramba, George. Por que você foi puxar briga com o maior valentão da sala?

— Sei lá. É que ele debochou da Charlotte. — O argumento de George pareceu bobo até para ela mesma.

— Charlotte nem é de verdade.

— É, mas...

— Se você quer ser transgênero e tal, vai ter que tomar bem mais cuidado. Você não vai poder vomitar em todo bully que encontrar.

— Eu posso tentar — disse George. — Blé! Blé! Blé!

— Você parece uma metralhadora de vômito.

— Eu podia ser um super-herói!

— Você seria Raul, aquele que quando é chamado, chama o Raul. Podia até ter um lema: “Se você me encarar, vou vomitar!”

George e Kelly riram, mas depois um silêncio surgiu no meio da conversa, e o único som a passar pelo telefone era o zumbido da própria linha.

— A peça é mesmo muito importante para você, não é? — perguntou Kelly, rompendo o silêncio.

— É que... — George suspirou. — Eu só achei que... sabe como é... se eu fosse Charlotte na peça, minha mãe talvez pudesse...

— Ver que você é menina?

— É — disse George.

Foi engraçado ouvir Kelly dizer que ela era menina, mas de um jeito bom, como cócegas na barriga que a lembravam que ela era real.

— Bom, talvez não seja tarde demais — disse Kelly. — A peça ainda não aconteceu, né?

— Mas o papel é seu.

— São duas apresentações, bobo. Eu posso fazer uma e você faz a outra.

— Você faria isso por mim?

— Claro que sim. Pensei no assunto no ônibus, durante todo o caminho pra casa. Posso dar um jeito do meu pai ir na apresentação da tarde. E você consegue! Na verdade, você é uma Charlotte muito melhor do que eu.

Era verdade. George ouviu as falas de Charlotte o suficiente para saber cada palavra e cada entonação; quase sempre do mesmo jeito de Kelly, mas de um jeito diferente em alguns momentos-chave. Kelly enfatizava algumas palavras errado e às vezes ainda se enrolava com a primeira fala de Charlotte, dizendo “SaÚdações” em vez de “Saudações”.

— Mas como?

— É mais do que fácil! Você já vai estar vestido de preto como ajudante de palco. Só precisa colocar o colete e tudo vai ficar perfeito. — Como

Charlotte, Kelly usava collant e meia-calça pretos, junto com um colete com três braços costurados de cada lado.

— Mas a Sra. Udell já disse que eu não posso fazer o papel.

— Quer saber? A Sra. Udell está errada. Você devia ser Charlotte. E quando ela perceber que é você, vai ser tarde demais. Você já vai estar no palco e não vai ter nada que ela possa fazer.

George quase conseguia ouvir o sorriso malicioso no rosto de Kelly e sem dúvida também sentia o sorriso no seu. Com a ajuda de Kelly, talvez ela pudesse mesmo ser Charlotte.

— Mas e quando os outros alunos repararem?

— Esqueça os outros alunos. Jeff não vai estar lá e mais ninguém vai se importar.

— E a minha mãe?

— Achei que mostrar pra sua mãe era parte da ideia! — A voz aguda de Kelly atravessou a linha telefônica.

— É, mas... — O estômago de George deu um nó.

— Olha, você quer que sua mãe saiba que você é menina?

— Quero.

— Então, seja Charlotte. — Kelly falou como se estivesse escolhendo sorvete de morango no lugar de chocolate. — Tenho que ir. Ainda tenho um ensaio. E agora, você também! Um-dois-três...

— ZUT! — George desligou e girou como Charlotte pela casa, tecendo uma teia gloriosa. Ela, George, seria Charlotte no palco! Na frente da mamãe e de todo mundo!

O arrepio na barriga dela parecia estar com um arrepio na *própria* barriga!

\* \* \*

Scott saiu correndo da casa de Randy na hora que mamãe buzinou, como se estivesse esperando com a mão na maçaneta. Ele encheu o carro com um falatório sobre o professor de história, depois com uma piadinha sobre o de matemática e uma ladainha sobre o de biologia.

— O cara quer que a gente disseque uma minhoca!

— Pensei que você fosse achar essa nojeira encantadora — disse mamãe.

— Não se eu tenho que fazer um diagrama de cada parte do corpo em escala. Vai ser um saco. Se tenho que fazer um diagrama de alguma coisa, por que não pode ser um sapo, pelo menos? Aí, seria legal.

— Se você acha puxado pra você, imagine como a minhoca se sente.

George ficou feliz de Scott estar desviando a atenção de mamãe. Não queria que perguntassem por que ela estava sorrindo depois de levar um soco e ser enviada para casa mais cedo da escola, mas estava extasiada pela ideia de fazer Charlotte no palco, e era difícil não demonstrar.

Mamãe entrou no Bufê do Arnie e parou em uma vaga de frente para o restaurante. Toldos vermelhos com grossas bordas verdes cobriam as janelas amplas da casa grande e achatada. Uma faixa longa por toda a entrada do restaurante declarava MAIS DE CEM PRATOS PREPARADOS TODOS OS DIAS.

Lá dentro, clientes felizes se sentavam a cabines e mesas, com os pratos cheios de comida de diversos tipos de cozinha diferentes, em pilhas formadas pelos favoritos de cada um. Não havia garçons no Arnie e ninguém esperava a comida. Em vez disso, bufês enormes ocupavam uma parede do restaurante, enquanto pessoas vestidas de branco levavam travessas repletas de comida até o bufê e travessas vazias para a cozinha. As mesas estavam cheias de copos de refrigerante e de limonada.

Mamãe pagou na entrada e soltou os filhos no bufê enquanto procurava uma mesa. George encheu o prato com frango frito, purê de batata, bolinho

de milho, pizza, um montinho de nachos e um cubo de gelatina de cereja escondido embaixo de um taco, para comer quando mamãe fosse pegar a comida dela. Mesmo no Arnie, ela dizia que os filhos tinham que comer o jantar antes da sobremesa. George voltou para a mesa enquanto mamãe ia ao bufê. Scott se sentou logo depois.

— O que está acontecendo com a mamãe? — perguntou ele por trás de um prato lotado de presunto, peru e frango e duas fatias de pizza em cima. — Ela nunca traz a gente aqui durante a semana se não estiver chateada com alguma coisa.

— Ah, é. — George olhou para a mãe, que estava pegando alface para a salada. — É que eu me meti numa briga na escola.

Scott levantou a cabeça com surpresa e franziu a testa.

— Quando eu me meti numa briga na escola, fiquei de castigo. Como você conseguiu ganhar um prêmio desses?

— É que eu também contei uma coisa pra ela.

— Deve ter sido sério. Mamãe está olhando para as beterrabas como se fosse um zumbi.

— Foi.

— Você contou que é gay? — Scott girou o garfo em uma montanha de purê de batata. — Você sabe que não ligo pra isso, né? Antes de papai ir embora, ele me fez prometer cuidar de você. Disse que você era assim.

— Eu não sou gay — disse George. Por que todo mundo achava que ela era gay?

— Você que sabe. Eu não ligo. Meu amigo Matt é gay. Não é nada de mais.

Mas era.

— Eu falei pra ela que acho que sou menina.

— Ah. — Scott só disse isso de cara. — Ah.

Scott mastigou, engoliu e comeu outro pedaço de pizza. O ruído de fundo do restaurante latejava nos ouvidos de George. Ela queria que Scott dissesse alguma coisa, mesmo que fosse cruel.

— Ahhh. — Scott comeu um pedaço de peru. — Ahhhhhhhhh.

Scott começou a assentir lentamente. Ele se virou para George, cujo estômago pulou a cada *ah* e agora estava quase na garganta.

— Isso é mais do que só ser gay. Não estou surpreso de ela estar surtando.

— Pois é.

Scott colocou o garfo na mesa.

— E é isso mesmo?

— Isso o quê?

— Você acha que é garota?

— Acho. — George ficou surpreso com a facilidade de responder aquela pergunta.

— Ah. — Scott mordeu um pedaço de pão e mastigou, pensativo.

Mamãe voltou com um prato de salada, coberto de legumes crus e molho vinagrete. Comeu rápido e largou o prato em uma caixa. Mamãe sempre iniciava a refeição no Arnie com uma salada. Ela dizia que, além de saudável, também era delicioso. Mas sempre comia rápido e voltava com um prato tão exagerado quanto o dos filhos.

Scott mastigou em silêncio uma asa de frango enquanto mamãe comia a salada, mas, quando ela se levantou e se aproximou da mesa de petiscos, ele largou o osso no prato.

— Eu sei sobre as suas revistas — disse ele.

— Mamãe *contou* pra você?

— Não, eu encontrei no fim de semana. Eu sabia que mamãe estava chateada com alguma coisa e vi a bolsa na cama dela. Cara, eu achei que tinha pornografia lá dentro, então dei uma espiada. Sabe, só pra descobrir

de que tipo de coisa meu irmãozinho gostava. Aí, pensei que você era gay. Mas não achei que você fosse *assim*. — Scott colocou um bolinho de milho na boca. — E então, você quer — ele fez um gesto com os dedos como se fosse uma tesoura — ir até o fim?

George apertou as pernas.

— Talvez um dia — disse ela.

— Estranho. Mas até que faz sentido. Sem querer ofender, você não é um garoto muito bom.

— Eu sei.

Mamãe voltou à mesa, e a conversa foi interrompida. Os três se entupiram de comida e depois arrastaram as barrigas estufadas até o carro, gemendo durante todo o caminho, exatamente como o rato Templeton após a noite de exagero na feira.

Os três desabaram na frente da televisão quando chegaram em casa e viram um programa de comédia sobre uma família com doze filhos. As piadas se concentravam basicamente na geladeira vazia e no banheiro sempre cheio. George se perguntou como seria viver com tanta gente. Talvez cada criança chamasse menos atenção individualmente. Com mamãe olhando para ela da poltrona, George pensou que talvez não fosse tão ruim.

Scott lançou olhares para ela também, mas, enquanto os olhos de mamãe estavam cheios de preocupação e confusão, Scott olhava para George como se seu irmão estivesse fazendo sentido para ele pela primeira vez. George nunca ficou tão feliz de ter um irmão mais velho.

## capítulo X

# TRANSFORMAÇÕES

George não sabia quando Jeff voltaria às aulas, e todas as manhãs ficava procurando com nervosismo os primeiros sinais do cabelo espetado. Quando finalmente viu, Jeff já estava indo na direção dela com cara de desprezo. Ele andava com passo firme, os olhos grudados ao longe atrás de George. Não parou de andar por momento algum, mas cuspiu no pé dela quando passou. Cada vez que passou por ela naquela semana, ele cuspiu. Cuspe de verdade, se estivessem do lado de fora, no asfalto; e cuspe de mentira, se estivessem no piso de linóleo, dentro da escola.

\* \* \*

Na manhã da peça, os alunos da sala 205 deixaram as mochilas nas carteiras, ignoraram o trabalho no quadro e ficaram falando e rindo. Só a ameaça da Sra. Udell de cancelar a peça aquietou a turma e, mesmo assim, ela lutou para guiar os alunos por uma manhã de leitura, exercício,

matemática e vocabulário. Kelly e George trocaram olhares cúmplices o tempo todo.

Depois do almoço, a Sra. Udell e o Sr. Jackson levaram as turmas para o auditório. Alunos do jardim até o terceiro ano entraram fazendo muito barulho e ocuparam as cadeiras velhas de madeira para assistir à apresentação da tarde. Pais e parentes se sentaram nas primeiras filas. Isaiah, o garoto da turma do Sr. Jackson que ia fazer o papel de Wilbur, pulou com animação, entrando no personagem.

O elenco e os ajudantes de palco se reuniram com a Sra. Udell nos bastidores. O resto da turma foi se sentar na plateia com o Sr. Jackson. Estava escuro atrás do pano vermelho grosso que cobria o palco, e o ar tinha um cheiro meio mofado, mas, quando a cortina fosse aberta, a luz das janelas do auditório ocuparia o palco.

Depois que os espectadores se sentaram, a luz do teto piscou duas vezes, pedindo silêncio. A cortina se abriu e Jocelyn subiu ao palco. A garota da turma do Sr. Jackson estava fazendo o papel de Fern e carregava nos braços um cobertor que representava o porquinho raquítico, Wilbur. Nessa cena, Wilbur não tinha nada a fazer e nem dizer, só seria salvo do machado do pai, e Isaiah era grande demais para Jocelyn segurá-lo nos braços. O primeiro narrador começou a falar e a peça foi iniciada.

Quando estava quase na hora das primeiras falas de Kelly, ela subiu na escada, segurando com cuidado os muitos braços da aranha. Ela fez o discurso de abertura com perfeição. Até falou *saudações* do jeito certo. A plateia ficou concentrada em cada movimento dela. Ela viu o pai e piscou para ele. Em seguida, desceu para esperar a cena seguinte.

— Você foi ótima! — sussurrou George quando Kelly estava novamente no chão.

— Você vai ser ainda melhor! — sussurrou Kelly de volta.

George não disse nada, mas se viu no palco, no alto da escada, compartilhando as palavras de Charlotte com a plateia.

A peça era curta e acabou antes da maioria dos alunos mais novos começar a se mexer de inquietação na cadeira. No final, os atores se curvaram em agradecimento, e a Sra. Udell agradeceu aos espectadores pela presença.

Quando os alunos mais novos já tinham saído, a Sra. Udell se dirigiu aos alunos do quarto ano e aos familiares na plateia.

— Os alunos que estão participando da apresentação desta noite precisam voltar às cinco e meia. A peça começa às seis em ponto. Pais e famílias, espero que vocês fiquem para a reunião de pais e mestres que acontecerá em seguida. — Alguns dos responsáveis tossiram em resposta. George sabia que a tosse era o equivalente adulto de um gemido.

As famílias parabenizaram os atores na frente do palco. O pai de Kelly até levou um buquê de flores para ela. Ele e os outros pais foram embora com os filhos. A Sra. Udell acompanhou o restante da turma até a sala 205 para os vinte minutos finais do dia, para que eles escrevessem nos cadernos sobre *A Emoção da Experiência Teatral*, o tema escrito pela professora no quadro com letras grandes.

George escreveu uma única frase no papel: *Foi emocionante ajudar na peça*. Mas o que ela realmente queria escrever era: *Eu vou ser Charlotte!!!!*

\* \* \*

Mamãe chegou em casa bem na hora de ir para a escola ver a peça. Ela nem tirou os sapatos.

— Vamos? — perguntou ela.

Scott tinha ido para a casa de Randy, em teoria para fazer um trabalho. George desconfiava que eles estavam vendo filmes de terror, mas, fosse

como fosse, estava feliz que o irmão não ia à peça. Ele vinha demonstrando um tato surpreendente até o momento, mas, se dissesse algo errado para mamãe, podia acabar deixando-a apavorada. George se levantou do lugar onde ficou no sofá durante uma hora, quase sem reparar nos cachorros falantes e crianças super-heróis que apareciam na tela da televisão. Tinha coisas mais importantes na cabeça. Ela colocou os sapatos sociais, os únicos pretos que tinha. Quando estava entregando as placas de teia de aranha para Kelly, os tênis brancos não atrapalharam muito, mas, se ia ser Charlotte, ela queria fazer direito.

Quando mamãe saiu pela porta de casa, o estômago de George deu um nó de nervosismo. Ela contou postes telefônicos para relaxar.

— E como foi a apresentação da tarde? — perguntou mamãe.

— Foi boa. — George estava acostumada a contar enquanto mamãe falava. Ela marcava as dezenas nos dedos para não perder a conta.

— Isso me convenceu mesmo.

— Desculpe, mãe. Eu estava pensando.

O caminho até a escola não era longo, então, se George perdesse um poste, talvez não tivesse outra chance de chegar a cem. Ela achava que não precisava de uma fada elétrica imaginária para acompanhar seu plano com Kelly, mas parecia mais seguro assim.

— Estou animada para ver você na saudação final hoje, mesmo como ajudante de palco. E Kelly vai ser ótima como Charlotte, tenho certeza.

George não a corrigiu. Mamãe descobriria logo sobre o plano, e, quando descobrisse, seria tarde demais para impedi-lo. George chegou a cem postes pelo caminho com quarteirões de antecedência.

O estacionamento pequeno da escola estava lotado, e mamãe só encontrou uma vaga na rua um bloco depois.

— Parece que vai estar lotado — disse mamãe.

— Acho que vai. — George deu de ombros, tentando ignorar o medo que a consumia.

Na porta do auditório, mamãe deu um beijo na bochecha da filha e foi procurar uma cadeira. George conseguia ouvir os alunos reunidos nos bastidores. A cortina vermelha era pesada, e ela passou com dificuldade. A iluminação dos bastidores era fraca, então George piscou para ajustar os olhos. A maioria do elenco e da equipe já estava reunida.

— Aí está você! — Kelly foi pulando até George.

George sorriu. As duas estavam todas de preto. A única diferença entre as roupas era o colete com braços de aranha que Kelly estava usando. Elas compartilharam sorrisos e risadinhas cheias de segredos até chegar quase a hora da peça. George tremia de empolgação.

— É agora, senhores e senhores — disse o Sr. Jackson, reunindo o elenco e os ajudantes de palco. — Vamos deixar o Sr. E. B. White orgulhoso mais uma vez. Com a melhor apresentação e o melhor comportamento.

— Merda! — disse a Sra. Udell com uma piscadela.

— Todos nos seus lugares, vamos botar essa apresentação para rodar! — O Sr. Jackson girou o dedo no ar.

A Sra. Udell desceu do palco pela escada lateral e se sentou na primeira fila da plateia. O Sr. Jackson ficou nos bastidores para supervisionar a apresentação.

A peça começou do mesmo jeito que à tarde. A cortina subiu, e Fern Arable estava segurando um cobertor nos braços, cantarolando para um porquinho de mentira, e a plateia aplaudiu. O primeiro narrador descreveu a fazenda dos Arable e contou para o público sobre o bebê porquinho que estava a momentos da execução.

Nos bastidores, Kelly tirou o colete com braços de aranha e entregou para George, que verificou para ter certeza de que o Sr. Jackson não estava

olhando. Em seguida, colocou o colete. Os braços falsos eram preenchidos de algodão e não pesavam muito, mas eram volumosos. George teve que puxá-los e segurá-los com os braços, como viu Kelly fazer, para não tropeçar neles. Penteou o cabelo para a frente com os dedos, como fez incontáveis vezes no espelho, e esperou. As cenas de abertura da peça nunca foram tão lentas.

George estava se balançando nos calcanhares, empolgada e nervosa ao mesmo tempo, quando os animais do celeiro começaram a cumprimentar Wilbur. As primeiras falas de Charlotte estavam chegando. George subiu na escada para aparecer acima do pano de fundo, de frente para toda a plateia.

— *Saudações!* — disse George. A voz soou alta e clara, mas com um toque suave que demonstrava a gentileza de Charlotte. Ela olhou para baixo e viu Kelly segurando a escada com uma das mãos enquanto tirava fotos de George com a outra.

George ouviu um arfar no palco abaixo, seguido de outro, mas continuou. Ela explicou para os animais o que eram *saudações*. Sorriu e acenou para Wilbur e para a plateia, como se estivesse dizendo oi para o mundo. A plateia sorriu para ela. Um garotinho até deu tchau.

A Sra. Udell estava no meio da fileira da frente, com a testa franzida, do mesmo jeito que ficou no corredor depois que ouviu o monólogo de George no teste. George olhou para o outro lado. Procurou mamãe para ver a reação dela, mas não conseguiu encontrá-la no auditório lotado.

O resto da plateia estava olhando para ela, esperando a fala seguinte de Charlotte, e George não decepcionou. Cada palavra saiu da forma como havia ensaiado. Ela não cometeu um único erro. Sentia como se estivesse flutuando.

No final da cena, George desceu da escada. Seu corpo parecia leve como o ar, e ela não tinha certeza se os pés estavam tocando no chão. Kelly a abraçou por trás e segurou os braços de algodão junto da cintura de George.

— Uau, George, foi incrível! — sussurrou ela. — De verdade.

— Valeu. — George abriu um sorriso tonto e desconcentrado.

— Você foi tão menina. — Kelly segurou a mão de George, uma das duas reais. — Quero dizer, você é tão menina. — Kelly abraçou a melhor amiga com força.

Jocelyn andou até elas com os punhos apertados.

— Você não pode sair fazendo isso! — sussurrou ela alto o bastante.

— Por quê? — sussurrou Isaiah.

— É. — Chris entrou nos bastidores apertados. — Por quê? Ele foi muito bem. Melhor do que Kelly, até. Sem querer ofender, Kelly.

Kelly deu de ombros.

— Eu não fui tão bem assim.

— Mas atrapalha os outros atores — disse Emma.

A maioria dos narradores tinha se juntado ao círculo em torno de George, assim como alguns dos animais do celeiro, que deviam estar cacarejando e mugindo no palco. Rick permaneceu próximo à corda da cortina e não disse nada.

— Shh. — O Sr. Jackson se aproximou do grupo e o afastou de Kelly e George.

A cortina lateral se moveu e a Sra. Udell entrou nos bastidores com uma expressão irritada. Ela foi na direção de George, mas a diretora Maldonado apareceu logo atrás dela e colocou a mão em seu ombro. Em seguida, sussurrou uma coisa no ouvido da professora.

A Sra. Udell olhou para George, para Kelly e finalmente para a diretora Maldonado. Levantou um dedo e abriu a boca, mas logo parou. Ela olhou para a peça ainda em progresso e para a plateia atrás. Deu um sorriso fraco para Kelly, um mais fraco ainda para George e saiu dos bastidores.

A diretora Maldonado fez um breve aceno para George, mais com as pálpebras do que com o queixo. Em seguida, também saiu dos bastidores. A

essa altura, já estava quase na hora da próxima cena de Charlotte. George subiu a escada com cuidado e esperou sua deixa.

A peça passou rapidamente, mas pareceu a George que ela estava no palco desde o começo dos tempos, como se tivesse nascido ali e só agora tivesse descoberto onde sempre esteve. Wilbur fez suas peripécias bobas; Templeton ficou procurando as palavras compridas e complicadas; os gansos grasnaram e de um modo geral só incomodaram. Parecia um celeiro de verdade no palco.

E, no centro de tudo, Charlotte oferecia sua amizade e sabedoria. George apreciou cada momento, compartilhando a voz com a plateia e vendo-a observá-la enquanto esperava as próximas falas.

Não demorou para que George fizesse o discurso final de Charlotte. Ela estava morrendo. Era o caminho da vida, e ela não podia fazer nada além de aceitar seu destino. A tristeza na voz de George vinha lá do fundo; ela sabia que seu momento no palco estava quase acabando.

— Adeus, Wilbur — disse ela, quando suas últimas palavras chegaram à plateia e sumiram. Antes que conseguisse descer da escada, George olhou para a frente. A plateia estava cheia de rostos tristes, e as crianças menores limpavam os olhos na manga da camisa. Ela continuou sem ver a mãe.

Assim que George chegou no chão, também chorou. Ela se encostou na parede dos bastidores, abraçou os joelhos e chorou de tristeza e alegria. Charlotte estava morta, mas George estava viva de uma forma que nunca tinha imaginado. Ela viu o resto da peça da lateral do palco, em um calor embriagado pós-apresentação. Em pouco tempo, a plateia começou a aplaudir.

Alguém pegou a mão de George e a levou para a fila de atores. Todo mundo se curvou ao mesmo tempo. E então, os personagens humanos deram um passo à frente para um segundo agradecimento. Os aplausos aumentaram quando Chris, que fez o papel de Templeton, se adiantou.

Isaiah ficou de quatro para fazer *oinc* como um porco mais uma vez, conquistando as gargalhadas de todos e ainda mais aplausos.

George sentiu alguém a empurrar com delicadeza e deixou que seus pés a guiassem para a frente do palco. O auditório foi tomado mais do que nunca do barulho de mãos aplaudindo. Ela piscou algumas vezes e viu a Sra. Udell fazendo sinal para que se curvasse.

George olhou para a plateia e fez a única coisa que fez sentido: uma reverência. Não estava de saia para puxar para o lado, mas não precisava. Ela foi graciosa e se agarrou ao momento com tanta força quanto podia, mesmo depois de as cortinas terem sido fechadas.

A turma aplaudiu aos gritos e comemorou. Alguns alunos bateram nas costas de George.

— Parabéns — disseram. — Você foi incrível!

— Parabéns a todos! — disse o Sr. Jackson quando saiu dos bastidores. — Vocês foram fantásticos! Inclusive nossa estrela-surpresa! — O Sr. Jackson sorriu para George. — Tem várias famílias empolgadas aqui, ansiosas para dar os parabéns. Sugiro que vocês saiam!

George passou pela abertura na cortina e observou a plateia. Havia crianças andando para todo o lado, procurando os pais e dizendo boa-noite para os amigos. Chris recriou alguns dos seus momentos favoritos. Kelly pulou de um lado para o outro, tirando fotos. Ali perto, o pai dela fez um sinal caprichado de positivo para George. Lá atrás, Rick passou pela porta do auditório. Ele estava sozinho. George se perguntou se diria alguma coisa para Jeff.

George ouviu seu nome saindo da boca de crianças conversando com os pais, assim como a palavra *garoto*. Cabeças de adultos se viraram na direção dela. A maioria olhou com notáveis expressões de surpresa. Alguns sorriram e acenaram. Outros contraíram o rosto com nojo. George desceu do palco e saiu da vista dos olhares curiosos.

Mamãe veio andando pelo corredor do meio. O rosto austero se destacava na multidão. George se sentiu paralisada no lugar.

— Bem, isso foi inesperado — disse mamãe. — Eu nem percebi que era você no começo. Achei que era para ser Kelly, mas aí percebi que estava vendo meu filho no palco e que quase todo mundo na plateia achava que ele era uma menina.

Os lábios de George tremeram, mas a voz soou clara:

— Eu também.

— Também o quê?

Um pouco da confiança de Charlotte ainda corria pelas veias de George.

— Eu já falei pra você. Eu sou menina.

O rosto da mãe virou pedra e a boca ficou pequena.

— Não vamos falar sobre isso agora.

George reparou na diretora Maldonado indo na sua direção com um leve sorriso no rosto.

— Parabéns! Você foi incrível! — disse ela para George, depois se virou para mamãe. — Seu filho foi maravilhoso hoje. Você talvez tenha um ator famoso em casa um dia.

— Obrigada. — Mamãe sorriu educadamente. — Ele é mesmo especial.

— Bom, não se pode controlar quem seus filhos são, mas podemos apoiá-los, não é mesmo? — Os brincos da diretora Maldonado cintilaram na luz do auditório.

— Com licença — disse mamãe, procurando alguma coisa imaginária na bolsa, constrangida. — Mas temos que ir para casa jantar.

— Não se esqueça de dar uma porção generosa de sobremesa para a estrela da peça! — A diretora Maldonado passou o braço pelos ombros de George. Ela tinha cheiro de baunilha.

— Pode deixar — disse mamãe.

— Foi lindo, George. Muito lindo. — A Sra. Maldonado levou os lábios para perto do ouvido de George e sussurrou: — Minha porta está sempre aberta. — E saiu andando.

Mamãe segurou George pela mão e foi marchando bruscamente por entre a multidão. Quando chegaram ao corredor, os murmúrios do auditório ficaram mais baixos e seus passos ecoaram. Do lado de fora, estava escuro o bastante para os postes estarem ligados, mas o céu ainda tinha alguma luz. Mamãe balançou o chaveiro na mão. Nem ela e nem George disseram nada.

Em casa, viram uma competição de dança na televisão enquanto comiam espaguete no jantar. Scott ainda estava na casa de Randy. George reparou que a mãe ficava olhando para ela, mas, quando olhava de volta, mamãe ficava com os olhos grudados na tela da televisão, mesmo se estivesse passando comerciais, coisa que ela normalmente odiava.

Nem mamãe e nem George mencionaram a peça naquela noite, mas, quando George estava no quarto, ela girou e girou como uma aranha dançando em uma teia.

## capítulo XI

# CONVITES

Kelly estava no meio de uma roda de garotas no pátio da escola na manhã seguinte, contando uma história animada, mas parou quando viu George. Elas apontaram e a chamaram.

— E aqui está nosso herói! — disse Kelly, sorrindo e esticando as mãos, como se fosse uma modelo apresentando um novo carro em uma feira de exposição.

— Como você sabia todas as falas? — perguntou Maddy.

— Como foi fazer papel de uma menina no palco? — perguntou Ellie.

— Eu nem percebi que você era um garoto no começo — disse Aliyah, uma garota da turma do Sr. Jackson que foi um dos animais do celeiro.

— Ouvi dizer que você foi muito bem — disse Denise, que não tinha ido à apresentação.

— Eu ainda acho que você não devia ter feito isso — disse Emma, que estava no grupo dos narradores. — Podia ter estragado tudo.

— É, e além do mais — disse Jocelyn —, você é menino. Por que ia querer fazer um papel de menina?

— Eu nem consigo imaginar fazer um garoto no palco, mesmo se todo mundo soubesse que eu era garota. Eu não ia conseguir — disse Maddy.

— É, eu ia morrer de vergonha — disse Denise.

Os comentários foram despejados em George mais rápido do que ela conseguia reagir, o que foi um alívio, porque ela não sabia o que dizer. Então ela só deu de ombros e sorriu sem entusiasmo. Ela queria poder ser Charlotte agora. Aí, saberia responder a toda a falação com palavras sábias e conselhos, em vez de se afogar nas perguntas delas.

George ouviu uma gargalhada horrível atrás de si. Era uma risadinha familiar que foi inchando até virar uma gargalhada roncada: a risada de Jeff. Antes que pudesse se preparar, Jeff estava na frente dela, com Rick ao lado. Jeff empurrou os ombros de George com a base das mãos. Não empurrou com força, mas George não estava esperando e cambaleou para trás. O grupo de garotas desapareceu, deixando Jeff e Rick de frente para George e Kelly.

Jeff riu de novo.

— Fiquei sabendo que você participou da peça da turma, *Charlotte*.

— Ele participou e foi ótimo! — disse Kelly.

— Ah, cala a boca. Estou falando com George aqui. Ele é mais menina do que você pode ser.

— Deixa ela em paz! — gritou George.

— Senão o quê? — perguntou Jeff.

— Só deixa ela em paz. — George olhou para o chão.

— Vem, Jeff. Vamos. — Rick puxou o cotovelo de Jeff. — Você me prometeu que, se eu contasse o que aconteceu, não ia se meter com ele.

— Que se dane — disse Jeff, dando um peteleco na testa de George. — Esse anormal vomita. Gosto desta camisa, mas minha mãe ainda não conseguiu tirar o fedor de vômito da outra.

Jeff riu e saiu andando com Rick.

— Esquece eles — disse Kelly. — Eu tenho uma surpresa. Meu tio Bill vai levar a gente ao zoológico no domingo!

George franziu o nariz. O ar do zoológico tinha cheiro de cocô de bicho. Além do mais, ela e Kelly tinham decidido ano passado que o zoológico de animais da fazenda Smithfield era coisa de criancinha. Tinha mais patos do que qualquer outro bicho, e o animal mais exótico era um pônei velho e cascudo que completou recentemente 40 anos.

— Não no Smithfield Snoozefest, seu bobo. — Kelly revirou os olhos. — A gente vai no zoológico do Bronx. Tem mais de seiscentas espécies lá. Tigres e gorilas e girafas, não bodes e ovelhas. Tem até urso panda! Você não tem nada no domingo, né?

— Acho que não — disse George.

— Porque eu estava pensando. — Kelly baixou a voz. — O zoológico do Bronx é superlonge, não vamos encontrar nenhum conhecido lá. Você ainda não conhece meu tio, conhece?

George fez que não com a cabeça.

Kelly sorriu.

— Você não entendeu? Podemos ir como *melhores amigas*! Podemos nos vestir e tudo!

O queixo de George caiu. Ela já sabia que Kelly era sua melhor amiga, mas elas nunca foram garotas juntas. George nunca foi garota com ninguém, exceto na pele de Charlotte, claro.

— Você me ouviu?

— Tipo de saia? — Os pelos na nuca de George formigaram só de dizer a palavra *saia*.

— Claro. Quando as *garotas* se arrumam, elas usam saia. Tenho um monte de coisas pra ensinar pra você sobre ser garota. Geor... Ah. — Kelly parou. — Meu tio vai estranhar quando eu chamar você de George, né?

George pensou em seu nome particular. Ela nunca tinha dito em voz alta, nem mesmo para as amigas das revistas.

— Você pode me chamar de Melissa — disse ela agora.

— Melissa — disse Kelly, com olhos arregalados. — Gostei. É um nome ótimo para uma menina. — Ela repetiu, alongando cada som. — Me-lis-sa. — É perfeito!

George encostou o queixo no ombro e sentiu as bochechas ficarem quentes.

— Você está bem? — perguntou Kelly.

— Estou — disse George. — É que é tão bom ouvir.

— Posso dizer de novo. Melissa. Melissa Melissa Melissa! — Kelly começou a girar em volta de George, esticando os braços a cada *Melissa*.

George colocou a mão tapando a boca de Kelly.

— Você está maluca? Jeff está bem ali! — George inclinou a cabeça para o lado.

— E daí? Eu tenho uma amiga chamada Melissa. Ele não sabe de quem estou falando. Não é da conta dele mesmo.

Kelly dançou em volta de George, cantando o nome *Melissa* até George rir e ficar vermelha como uma beterraba. Ela nunca tinha ouvido seu nome de menina dito em voz alta, e agora Kelly o transformou em música.

O sinal da manhã tocou e a multidão de alunos no pátio da escola fez várias filas. Enquanto George subia a escada para a sala 205, foi ouvindo a música de Kelly ainda ecoando em sua mente.

*Melissa Melissa Melissa...*

\* \* \*

Mamãe estava sentada no sofá quando George voltou para casa, com o laptop em frente a ela e uma lata de água com gás sabor laranja na mesa

lateral. Estava passando uma novela na televisão, com o volume bem baixo.

— Venha aqui, George.

Mamãe bateu no espaço do sofá ao lado dela, fechou o computador e desligou a televisão. Respirou fundo algumas vezes e falou:

— Você foi ótimo na peça ontem. Sei que fiquei surpresa no começo, mas estou muito orgulhosa de você por ser você mesmo. O que as crianças da escola disseram?

George deu de ombros.

— Não disseram muita coisa. Jeff foi um imbecil.

— E que novidade tem nisso? Você é forte. Mas o mundo nem sempre é bom com as pessoas que são diferentes. Só não quero que você torne seu caminho mais difícil do que precisa ser.

— Tentar ser menino é muito difícil.

Mamãe piscou algumas vezes e, quando abriu os olhos de novo, uma lágrima escorregou pela bochecha.

— Me desculpe, Gee. Me desculpe. — Ela puxou George para perto e a abraçou com força. — Você se sente mesmo como menina, não é?

— É. Lembra aquela vez quando eu era pequena e você me encontrou usando sua saia como vestido?

— Lembro.

— E lembra que eu queria ser bailarina, e isso deixou Scott maluco porque ele disse que eu não podia porque eu era menino?

— Eu me lembro da pirraça que você fez quando não comprei um tutu pra você.

— Você está chateada comigo?

— Ah, meu amor, não. — Mamãe fez carinho no cabelo de George e deu um suspiro profundo. — Mas acho que você precisa conversar com alguém. Acho que eu também preciso. Alguém que entenda dessas coisas.

George sabia que ir a um terapeuta era o primeiro passo que as garotas que guardavam o mesmo segredo que o dela davam quando queriam que todo mundo visse quem elas eram.

— Aí depois será que posso deixar o cabelo crescer e ser garota?

— Um passo de cada vez. — Mamãe limpou outra lágrima que escorreu pela bochecha. E limpou a garganta. — E agora, que tal você ir fazer o dever?

George pegou o dever de vocabulário e começou a fazer na mesa enquanto mamãe ia para a cozinha preparar o jantar. Mamãe virou uma caixa de pão de milho em uma tigela com ovos e leite. George reparou que ela misturou silenciosamente com eficiência, segurando o braço que misturava perto do corpo. Ela não cantarolou e nem dançou como costumava fazer quando cozinhava.

A casa ficou em silêncio até Scott chegar com o barulho da bicicleta sendo largada no chão. Ele entrou correndo porta adentro e foi para o banheiro.

— Ahhhhhh — disse ele quando desceu a escada. — Eu estava mesmo precisando me aliviar. Essa foi boa!

— Scott, vá colocar sua bicicleta no galpão. E Gee, ponha a mesa. Está quase na hora do jantar.

Mamãe serviu asas de galinha grelhadas com molho barbecue, pão de milho e brócolis no vapor em três pratos e os colocou na mesa. George encheu três copos com chá gelado e levou os garfos, facas e guardanapos.

Durante o jantar, Scott reclamou da injustiça na última prova de estudos sociais e contou a história de Mike, a Galinha sem Cabeça, uma galinha de verdade que viveu sem cabeça por um ano e meia na década de 1940. Quando Scott imitou Mike, usando as asinhas de galinha que tinha no prato, George riu tanto que quase engasgou. Até mamãe riu.

Naquela noite, quando George foi para o quarto, ela encontrou a bolsa de brim na cama, com todas as revistas ainda dentro.

## capítulo XII

# MELISSA VAI AO ZOOLÓGICO

George acordou antes do sol nascer e não conseguiu voltar a dormir. Ela nunca tinha ficado tão empolgada para ir ao zoológico, nem quando era pequena. Quando o céu nublado e escuro revelou os primeiros tons de roxo, George saiu da cama e se sentou no sofá, com cereal e o controle remoto no colo, mas nada na televisão chamou a atenção dela. Era cedo demais para estar passando alguma coisa boa. Ela tentou jogar *Mario Kart*, mas ficava perdendo a concentração e caindo em poços fundos de lava.

O céu havia começado a clarear, mas ainda faltavam quase duas horas para George ir para a casa de Kelly. Ela foi para o quintal, onde os tênis chiaram na grama encharcada de orvalho.

No canto do quintal havia um carvalho antigo. Amarrado em um dos galhos mais baixos da árvore havia um balanço antigo. O pai de George o pendurou depois que ele e mamãe se separaram, mas antes de ir embora da cidade. Tinha uma tábua presa em duas cordas grossas, acima de uma extensão de terra batida, onde anos de pés acabaram com a grama. O assento já tinha sido vermelho, mas o que havia sobrado da tinta estava

turvo e descascando, revelando a madeira cinzenta embaixo. Houve uma época em que Scott e George brigavam para ver quem ia no balanço. Às vezes, eles até se balançavam juntos. Mas Scott não usava o balanço havia muito tempo, e nem mesmo George chegou a usá-lo nesse último ano.

George limpou o assento com o cotovelo da jaqueta e se sentou. Deu pequenos passos para trás até estar nas pontas dos pés, com o assento apertando o traseiro. Em seguida, levantou os dedos dos pés, se inclinou para trás e deslizou pelo ar matinal. Balançou-se um pouco e começou a impulsionar com as pernas, indo cada vez mais alto. Em pouco tempo, conseguia ver o quintal do vizinho a cada subida ao céu.

A luz ao leste ainda estava laranja com o amanhecer. O sol em si tinha subido ao céu, e os raios aqueciam o rosto de George cada vez que ela saía da sombra do velho carvalho. Ela se balançou por muito tempo, apreciando o ritmo e a brisa.

Perguntou-se então que tipo de saia usaria e se ela e Kelly estariam combinando. Imaginou também como seria Bill, o tio de Kelly. Se ele fosse tão perdido quanto Scott, jamais repararia que George não era uma menina normal. Se reparasse, George não sabia se ele seria legal. Kelly disse que ele era legal, mas ela já tinha se enganado em outras ocasiões. Ele poderia rir de George. Poderia até deixá-la no zoológico. Mas não havia como ela perder a chance de ser menina com Kelly.

Quando George entrou, mamãe estava em frente ao fogão com a espátula, cuidando de uma frigideira. Estava usando um avental que dizia CUIDADO COM O CHEF com letras grandes. O ar estava com cheiro doce, e o estômago de George roncou.

— Quer panqueca? — perguntou mamãe.

— Quero. Com canela, por favor.

George brincou com a ideia de contar o plano para mamãe, mas se lembrou das palavras dela: *um passo de cada vez*. Ela contaria sobre a

aventura quando mamãe estivesse pronta. Então elas conversaram sobre os animais que George veria, como se fosse uma ida qualquer ao zoológico.

Depois do café da manhã, George pegou a bicicleta e colocou o capacete. Passou pela biblioteca e subiu a colina até a lojinha onde mamãe às vezes a mandava comprar leite ou pão. Passou pela casa roxa grande com um jardim cheio de cactos na frente e pelo prédio onde sua antiga babá morava. Pedalou pelo cemitério na metade da velocidade por causa da leve e constante inclinação, contornou por trás e *vrum*, desceu a trilha do outro lado, com as três lombadas no caminho.

Quando não conseguia mais esperar, ela seguiu para a casa de Kelly. George pedalou o mais devagar que conseguiu para ficar ereta, seguindo por ruas laterais, mas ainda assim chegou quinze minutos adiantada. Esperou do lado de fora até achar que sua cabeça explodiria.

Quando finalmente bateu, a porta se abriu na mesma hora. Kelly puxou George para a sala do apartamento no subsolo. Ela estava de pijama verde e o cabelo estava preso em uma nuvem de cachos.

— Finalmente você chegou! A gente pode se arrumar!

— E se seu pai acordar e der de cara com a gente? — sussurrou George, olhando para o pai de Kelly, dormindo na cama na sala.

— Você está de brincadeira? Ele teve um show ontem à noite no Masons' Lodge. Não vai se mexer até o meio-dia. — Kelly apontou com o polegar para o pai, que estava roncando. — E se ele acabar vendo alguma coisa, vai achar que é um sonho.

Kelly levou George para o quarto e fechou a porta. O armário e a maioria das gavetas da cômoda estavam abertos, exibindo uma variedade de roupas de menina, e Kelly tinha espalhado diversos itens de maquiagem na mesa. O ar estava com cheiro de perfume, e vários vidros estavam alinhados ao lado da maquiagem.

— Eis o Salão da Kelly. O que você achou?

O coração de George disparou no peito. Era como se todas as páginas da revista tivessem ganhado vida no quarto de Kelly.

— É... maravilhoso.

— O que você quer experimentar primeiro?

— O que eu *posso* experimentar?

— O que você quiser!

George olhou para as saias penduradas no armário de Kelly. Ela não fazia ideia de como escolher.

— O que você acha que ficaria bom em mim?

— Tenho uma roupa perfeita. — Kelly falou como uma vendedora de boutique chique.

Correu até o armário e pegou uma saia rodada com espirais roxas e remexeu em uma gaveta atrás de uma blusinha regata rosa-choque. Ela colocou as roupas nas mãos de George. A blusa era macia, mais macia do que qualquer camisa de garoto que ela já tivesse usado. E ela nunca segurou uma saia nas mãos assim. Juntas, as duas peças pareciam mágicas.

— Eu nem sabia que você tinha saias — disse George.

— Não uso para a escola. Os garotos são nojentos e tentam olhar por baixo.

— Eu *nunca* tentaria olhar por baixo da sua saia.

— Claro que não. Você não é garoto.

— Ah, é. — George riu.

Até ela se enganava às vezes com o próprio corpo. Kelly também riu, e ninguém que passasse pela janela do apartamento desconfiaria que não eram duas garotas que estavam naquele quarto, conversando sobre roupas, garotos e qualquer outro assunto sobre o qual as garotas falavam.

— E então — disse Kelly —, você não quer experimentar?

George assentiu lentamente.

— Você pode se virar?

— Claro! — Kelly se virou para o armário e segurou as saias junto das blusas em busca da combinação perfeita.

George olhou para a regata que Kelly deu para ela. Parecia um pouco uma camiseta de baixo, mas com alças mais finas. Ela tirou sua camiseta e colocou a blusa de menina. A sensação foi de ar frio nos ombros. Em seguida, tirou a calça de moletom e colocou a saia. Puxou até a cintura e deixou o tecido se ajeitar.

Ela se olhou no espelho e ofegou. Melissa também ofegou para ela. Por um tempo, ela só ficou ali, piscando. George sorriu, e Melissa sorriu também.

Quando seus olhos começaram a arder, ela deu um giro, e a saia inflou abaixo dela. Ao parar com as pernas cruzadas, ela se sentiu uma modelo.

Kelly deu um gritinho quando se virou.

— Ah, ficou tão lindo em você... Melissa.

O coração de Melissa deu um pulo quando ela ouviu seu nome.

— Posso tirar uma foto? — Kelly apertou o botão da câmera antes que Melissa pudesse responder. — Agora experimente isto. — Ela entregou a Melissa uma saia amarela com uma franja cintilante na ponta e uma camiseta preta com um coração amarelo no meio.

Melissa passou o dedo na franja da saia. Ela não queria tirar a roupa que já estava usando, mas a franja era tão linda, e roçaria nos joelhos dela quando ela andasse.

Kelly se virou para o armário, e Melissa trocou de blusa. Vestiu a saia amarela e puxou até a cintura. Mais uma vez, Melissa se olhou no espelho, impressionada de se ver ali. Ela poderia ficar se olhando por muito tempo, mas Kelly queria saber o que a amiga achava da combinação.

— Eu não estou elegante? Nova York é muito elegante, sabe. — Kelly estava com uma longa saia preta, um top preto e luvas também pretas de seda.

Melissa franziu a testa.

— Você parece que vai a um enterro no zoológico.

Kelly riu.

— É, você está certa — disse ela, puxando as luvas pelos dedos.

Melissa experimentou seis combinações, uma atrás da outra. Antes que pudesse tirar uma, Kelly já estava com outra pronta, e tirou mais de cinco fotos de Melissa com cada roupa. Melissa não sabia se ria ou chorava enquanto fazia pose com as roupas de menina, com Kelly fazendo ruídos impressionados o tempo todo. Ela segurava os tecidos com delicadeza, como se fossem rasgar, sentindo de leve entre o polegar e o indicador.

Apesar de todas as combinações diferentes que experimentou, Melissa não conseguia parar de pensar na primeira.

— Você disse que era perfeita — disse ela para Kelly. — E estava certa!

Kelly desistiu, e Melissa recolocou com satisfação a blusinha rosa e a saia roxa. Ela girou no meio do quarto, eufórica com a liberdade. Kelly escolheu uma camiseta rosa que dizia ANJO em letras amarelas com purpurina, combinando com a saia amarela com franjas.

Kelly sentou Melissa em uma cadeira na frente do espelho e começou a pentear o cabelo dela. Tentou pentear primeiro para um lado, depois para o outro, mas acabou decidindo pentear para a frente para que as pontas ficassem acima das sobrancelhas.

— E se seu tio perceber que não sou garota *de verdade*? — perguntou Melissa.

— Olhe para você. Por que ele pensaria que você é qualquer outra coisa?

Kelly estava certa. O corpo de Melissa era magro, e ela era nova demais para que se esperasse que tivesse curvas. Ela estava usando roupas de menina e um penteado de menina, mesmo tendo cabelo curto. Realmente parecia uma menina.

Kelly indicou sua mesa.

— Tenho todas essas maquiagens que minha tia me deu de aniversário, mas não sei passar.

— Eu nunca tive maquiagem — disse Melissa —, mas já li tudo sobre como usar.

Kelly entregou a ela um pequeno tubo de gloss labial. Melissa mergulhou o dedo na substância escorregadia e brilhosa e passou nos lábios. Quando se olhou no espelho, eles estavam cintilantes.

Melissa e Kelly experimentaram todos os tons de gloss e de blush do conjunto. Melissa mostrou a Kelly como passar o blush no alto da maçã do rosto e puxar para baixo, e como escolher cores para complementar a pele levemente morena. Elas usaram uma grande quantidade de lenços de papel para limpar uma cor e passar outra. Sorriam para o espelho e uma para a outra. Kelly tirou várias fotos.

— Ah, não! — gritou Melissa de repente. Sua alegria foi substituída por medo quando ela olhou para os pés cobertos de meias. Ela apontou para os tênis velhos.

— Você acha que não pensei nisso? — Kelly pegou um cesto cheio de sapatos embaixo da cama.

— Você tem muitos sapatos. Quem podia imaginar que era uma garota tão feminina?

— Quem podia imaginar que *você* era? — Kelly sorriu.

Ela remexeu na pilha e entregou a Melissa um par de sandálias brancas simples. Ficaram um pouco pequenas nos pés da amiga, mas, como eram sandálias, não importava muito. Kelly encontrou um par de tênis de lona amarelos que combinavam com sua saia.

Elas estavam prontas, mas o tio Bill ainda não tinha chegado, então Kelly deu estrelas pelo tapete. Em metade das vezes, a saia caía por cima da barriga, deixando a calcinha rosa à mostra. Ela terminava a estrela e ajeitava a saia, mas isso não a impedia de tentar de novo. Melissa estava olhando

para seu reflexo de todos os ângulos que conseguia. Ela se virou de costas para o espelho e segurou um espelho de mão para poder ver suas costas.

— Kelly. — Melissa fez a amiga parar quando tinha acabado de dar uma estrela. — Tem só mais uma coisa.

— Melissa, pare de se preocupar. Você está perfeita.

— É que... eu estou de cueca de menino. — Melissa sentiu o elástico grosso na cintura, que segurava a cuequinha branca. Ninguém a veria, mas ela sabia o dia todo que estava ali embaixo.

— Ah! Eca! Tira! — Kelly já estava mexendo na gaveta da cômoda. Entregou a Melissa uma calcinha rosa-clara coberta de coraçõezinhos. Era pequena e leve. — Pode ficar com ela. Não se preocupe. Está limpa.

— Tem certeza? — perguntou Melissa.

— Claro. Eu tenho um monte de calcinhas.

Melissa se virou e começou a tirar a saia roxa.

— Não precisa tirar. Pode se trocar por baixo. É por isso que usar saia é bom demais.

— Ah, é.

Melissa tirou a cueca, enfiou as pernas na calcinha de Kelly e puxou por baixo da saia. Fora a leveza do tecido na pele, ela mal conseguia perceber que estava usando alguma coisa.

Kelly deu um pulo quando ouviu a batida na porta da frente.

— Vamos!

Ela abriu a porta para o tio entrar no pequeno apartamento. Bill Arden podia ser gêmeo do irmão de tão parecido que era, até no brilho simpático dos olhos castanhos. Ele era pintor; gotas azuis e vermelhas manchavam os tênis dele.

— Ah, garotas, vocês estão arrumadas demais para o zoológico — comentou o tio Bill.

— Não é sempre que um homem bonito convida a gente para ir a Nova Yooork. — Kelly pronunciou o nome da metrópole como se tivesse sido criada no interior.

— Pelo menos vocês estão usando sapatos confortáveis, melhor do que as mulheres que saem comigo na cidade. Mas não é comum eu ter o prazer da companhia de duas belas jovens ao mesmo tempo. Kelly, quem é sua linda amiga?

— Esta é Melissa. Ela é um pouco mais tímida do que eu.

Melissa estava com medo de se mexer, apavorada que um único passo pudesse quebrar sua magia.

— É um prazer conhecer você, Melissa. — A mão do tio Bill era grande e o aperto era firme, mas não apertado. — E quanto a você, minha querida sobrinha — continuou ele, abraçando Kelly na lateral do corpo —, acredito que um rinoceronte desesperado seria mais tímido do que você.

— Duvido — disse Kelly. — Mas só tem um jeito de descobrir. Para o zoológico! — Kelly pegou duas de suas jaquetas, entregou uma para Melissa e pulou pela calçada rachada até o carro do tio Bill.

O caminho até o zoológico levou quase duas horas, com o tio Bill cantando alto e desafinado com músicas de discoteca que tocavam no rádio. Kelly cantou junto quando sabia a letra. Melissa estava ao lado dela no banco de trás, admirando as espirais na saia. Ela deslizou o dedo pela barra, só um pouco mais pesada do que o resto do tecido fino. Passou as palmas das mãos pela blusinha que estava usando e sentiu o toque dos dedos no cabelo. Esticou a mão, e Kelly a segurou e apertou.

Se Melissa posicionasse o corpo da forma certa, conseguia se ver no retrovisor do carro. Era difícil não dar risadinhas de alegria. Ela olhou pela janela e contou cem postes telefônicos. Duas vezes. Nas duas vezes, desejou poder ficar assim para sempre.

Finalmente, Melissa viu uma grande placa verde indicando o Zoológico do Bronx com uma seta grossa apontando para a direita. Tio Bill saiu da rodovia, e logo eles estavam pagando para entrar no estacionamento enorme. Tio Bill passou por uma fila comprida de carros e parou em uma vaga no final.

O ar estava com cheiro de grama e feno, com um leve odor de cocô de animais. Melissa sabia que o odor ficaria mais forte, mas não se importava. Ela passaria o dia andando por aí vestida de menina. Crianças e adultos e até os animais a veriam, e ninguém além de Kelly e ela saberia de nada.

Ao redor deles, adultos lutavam com bebês e carrinhos enquanto crianças mais velhas esperavam. Kelly, Melissa e tio Bill andaram na direção da entrada. Havia uma fila curta, que andou rapidamente, e logo eles estavam do lado de dentro.

Melissa e Kelly riram dos macacos brincalhões, passaram tremendo pelas cobras deslizantes, acharam os filhotes de ursos-pardos fofos e ficaram olhando os dentes dos tigres. Melissa se surpreendeu quando reparou em seu reflexo no vidro em frente a uma exibição de águas-vivas exóticas e cintilantes. Estava olhando para uma garota.

Ela parou na exposição de tarântulas. Os aracnídeos peludos eram uma espécie bem maior de aranha do que Charlotte. Mesmo assim, Melissa agradeceu a cada uma silenciosamente. Procurou teias, mas não viu nenhuma.

Quando eles saíram do Mundo dos Insetos, Kelly disse que precisava ir ao banheiro. Melissa ficou tensa. Não tinha como voltar para casa sem ir também. Ela olhou para a saia. Não podia entrar no banheiro masculino com essa aparência.

— Melissa e eu já voltamos — anunciou Kelly, segurando a mão da melhor amiga antes que ela pudesse protestar e arrastando-a até uma porta com uma placa onde lia-se DAMAS e um desenho de boneco palitinho com

saia em formato triangular. Kelly abriu a porta pesada de metal do banheiro como se não fosse nada e puxou Melissa junto.

O ar estava frio, úmido e tinha cheiro de almíscar. Os azulejos eram cinza e verdes, não rosa como Melissa imaginou. O que chamava mais atenção era que não havia mictórios, só uma fileira de cabines e uma fileira de pias, espelhos e dispensadores com sabonete rosa à direita.

— Você está bem? — perguntou Kelly.

Melissa assentiu, mas não disse nada. Ela estava no banheiro das meninas. Nem a eloquente Charlotte tinha palavras para como ela se sentia naquele momento.

Melissa se fechou em uma cabine, satisfeita com a privacidade. Levantou a saia para ver a calcinha, coberta de coraçõezinhos. Ela a puxou para baixo, se sentou e fez xixi, como uma menina. E nem contou para Kelly depois. Essa parte daquele dia magnífico era o segredo particular dela.

No começo da tarde, Kelly, Melissa e tio Bill ficaram cansados e com fome. Kelly encontrou uma lanchonete no mapa, perto da Montanha dos Tigres. Eles sentiram o cheiro de comida antes de virem um amontoado de mesas ao redor de um laguinho cheio de aves. Guarda-sóis laranja anunciando sucos de frutas protegiam dezenas de famílias do sol. Algumas pessoas estavam comendo hambúrgueres e cachorros-quentes e batata frita, enquanto outros comiam sanduíches e lanches tirados de bolsas térmicas trazidas de casa. Carrinhos de bebê ocupavam o caminho, com criancinhas pequenas correndo entre eles e gritando de alegria. Tio Bill perguntou o que elas queriam para o almoço e foi para a fila enquanto Kelly e Melissa esperavam uma mesa vagar.

— Pois então — disse Kelly —, acho que o dia foi um sucesso. Já estou pensando no que vestir da próxima vez.

— O quê? Você faria isso de novo?

— *Melissa*. — Kelly revirou os olhos. — Estou cercada de meninos na minha vida. Meu pai. Meu tio. Fala sério, até algumas semanas atrás, eu achava que você era menino. É legal ter uma amiga menina.

— Ah, vocês duas parecem felizes! — disse tio Bill, voltando com uma bandeja com refrigerantes, cachorros-quentes, um pote de ketchup e um copo cheio de batatas fritas na mesa.

— Nós estamos — disse Kelly.

Uma onda de calor encheu Melissa desde o fundo da barriga até os dedos das mãos e dos pés. Ela passou o braço ao redor de Kelly. A amiga segurou a câmera com o braço esticado e tirou uma selfie dos rostos sorridentes das duas garotas.

\* \* \*

Kelly tirou mais dezenas de fotos de Melissa naquela tarde. E não pediu para Melissa fazer pose nem uma vez. Nem precisou. Melissa já parecia perfeita em todas.

Quando entraram no carro, Kelly, tio Bill e Melissa estavam exaustos, apesar de o sol ainda estar se pondo. Tio Bill parou para tomar café e ficar acordado, enquanto Kelly dormiu assim que eles pegaram a estrada. Mas Melissa não cochilou nem um momento. Não podia. Ela estava ocupada demais se lembrando da melhor semana de sua vida.

Até então.

## agradecimentos

Tenho uma dívida incalculável com tantas pessoas que ajudaram meu bebê a crescer nos últimos doze anos, desde “Devia existir um livro sobre uma criança trans!” até a história que você tem nas mãos agora. Mesmo assim, vou tentar.

Minha mais profunda e sincera gratidão vai para Jean Marie Stine, pois, sem ela, este livro ainda seria uma pilha de capítulos em um disco rígido há muito falecido. Agradecimentos infinitos para minha agente professora de aeróbica, Jennifer Laughran: “Você está indo muito bem! Só mais uma revisão!” E, com grande estima, para meu editor, David Levithan, cujo entusiasmo incansável por George é inspirador. Agradeço a Ellen Duda por uma capa que me levou a lágrimas de alegria e aos editores, que aperfeiçoaram cada ponto e travessão.

Meu carinho e afeição enormes vão para Beth Kelly, minha amiga de escrita mais antiga, e Blake C. Aarens, minha nova amiga de escrita. E muito amor e agradecimentos para os incontáveis amigos e familiares que leram esta história em seus muitos estágios: meus pais, Cindy e Steve Gino, e minha irmã, Robin Gino Gridgeman. Para meu querido parceiro de vida, James McCormack. E para Amy Benson, Lilia Schwartz, Matilda St. John e Amithyst Fist.

E aos amigos e familiares cujo amor e apoio me permitiram escrever e terminar este livro. Vovó e vovô Gino, tia Sue, tio Paul, Nana e Rick Scott, tia Jerilynn, Wes, Anna, Kadyne e Brinley. E Sondra Solovay, Joe Libin, Frankie Hill, Alicia Stephen, NOLOSE e todos os gordos radicais, e tantas

outras pessoas — eu precisaria de outro livro para agradecer a todos vocês.  
Amo vocês mais do que consigo expressar.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

# George

**Site do autor:**

<http://www.alexgino.com/>

**Twitter do autor:**

<https://twitter.com/lxgino>

**Facebook do autor:**

<https://www.facebook.com/authoralexgino/>

**Goodreads do autor:**

[http://www.goodreads.com/author/show/12881739.Alex\\_Gino](http://www.goodreads.com/author/show/12881739.Alex_Gino)

**Goodreads do livro:**

<https://www.goodreads.com/book/show/32509990-george>

**Skoob do autor:**

<https://www.skoob.com.br/autor/16543-alex-gino>

**Skoob do livro:**

<https://www.skoob.com.br/george-596128ed597530.html>

**Sinopse do livro:**

[http://www.record.com.br/livro\\_sinopse.asp?id\\_livro=29342](http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=29342)

**Perfil do autor no site da Record:**

[http://www.record.com.br/autor\\_sobre.asp?id\\_autor=7904](http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=7904)